



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS

GIÓRGIA ANDRADE REGIANI FERREIRA MARTINS

A FORMAÇÃO VIRTUOSA NA ESCOLA

MARÍLIA
2018

GIÓRGIA ANDRADE REGIANI FERREIRA MARTINS

A FORMAÇÃO VIRTUOSA NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Marília – UNESP.

Linha de pesquisa:

Filosofia da Educação

Orientador:

Prof. Dr. Alonso Bezerra, de Carvalho
Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP-Marília.

**MARÍLIA
2018**

GIÓRGIA ANDRADE REGIANI FERREIRA MARTINS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Marília – UNESP.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP-Marília.

Examinador: Prof. Dr. Carlos da Fonseca Brandão Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP Marília.

Examinador: Profa Dra Rozana Aparecida Lopes Messias Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis e Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP-Presidente Prudente.

**MARILIA
2018**

Martins, Giórgia Andrade Regiani Ferreira.
M386f A formação virtuosa na escola / Giórgia Andrade
Regiani Ferreira Martins. – Marília, 2018.
81 f. ; 30 cm.

Orientador: Alonso Bezerra de Carvalho.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e
Ciências, 2018.

Bibliografia: f. 75-77

1. Formação virtuosa. 2. Ética. 3. Prática docente. 4.
Sala de aula. I. Título.

CDD 370.15

Ficha catalográfica elaborada por
André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211
Unesp – Faculdade de Filosofia e Ciências

RESUMO

A virtude, conceito da filosofia clássica, faz parte de temática geral desta dissertação que retrata a escola como um ambiente a ser estudado e é aqui apresentado como aquele que pode oferecer tempo e espaço para o desenvolvimento do homem. O trabalho discute por intermédio de referencial teórico e bibliográfico as condições e os processos em que se dão a formação virtuosa; traça um diálogo com a Ética, a partir de autores como Kant e Aristóteles e traz reflexões sobre a escola contemporânea e as influências que sofre da sociedade em que está inserida, assim como discute as suas possibilidades de atuação sobre a formação virtuosa da humanidade. O trabalho apresenta também, através de pesquisa de base qualitativa, análise de dados resultantes de um questionário aplicado a docentes de uma escola pública. A coleta de dados fez refletir, a luz de teorias, sobre o papel da escola na formação virtuosa, opiniões e as informações dos docentes sobre o tema, o que possibilitou compreender melhor as experiências vividas pelos professores. A maior parte dos pesquisados afirma ser a escola um ambiente que pode contribuir para a formação virtuosa assim como declara haver dificuldades neste trabalho, resultados que mostram a importância do assunto e afirmam a relevância do tema pesquisado. Evidencia-se também a necessidade de uma sequência nas reflexões, de maneira a contribuir no processo de formação de professores e na prática docente. Tais questões são indissociáveis de uma formação pedagógica voltada a formação humana, crítica e cidadã. Os intercâmbios, experiências e visões de mundo constituem uma complexa teia de significados para uma rica formação reflexiva, ética e filosófica ao aluno. Nesse sentido, a escola possui potencial a ser explorado, ainda que de forma incipiente, pois não se desencadeou em sua amplitude processos de formação e aprendizado que levem à autonomia e à formação virtuosa e ética, de pensar e ler o mundo criticamente

Palavras-chave: Formação virtuosa. Ética. Prática docente. Sala de aula.

ABSTRACT

Virtue, a concept of classical philosophy, is part of the general theme of this dissertation that portrays the school as an environment to be studied and is presented here as one that can offer time and space for the development of man. The paper discusses, through theoretical and bibliographic references, the conditions and processes in which the virtuous formation is given; traces a dialogue with Ethics from authors such as Kant and Aristotle and brings reflections on the contemporary school and the influences it suffers from the society in which it is inserted, as well as discusses its possibilities of acting on the virtuous formation of humanity. The work also presents, through qualitative research, data analysis resulting from a questionnaire applied to teachers of a public school. The data collection reflected, in the light of theories, the role of the school in the virtuous formation, opinions and the information of the teachers on the theme, which made possible to better understand the experiences lived by the teachers. The majority of respondents affirm that school is an environment that can contribute to virtuous formation, as well as states that there are difficulties in this work, results that show the importance of the subject and affirm the relevance of the researched topic. It is also evidenced the need for a sequence in the reflections, in order to contribute to the process of teacher training and teaching practice. These questions are indissociable from a pedagogical training geared towards human, critical and citizen formation. The exchanges, experiences and worldviews constitute a complex web of meanings for a rich reflexive, ethical and philosophical formation to the student. In this sense, the school has potential to be explored, although in an incipient way, as it did not unleash in its amplitude processes of formation and learning that lead to autonomy and virtuous and ethical formation, to think and read the world critically

Keywords: Virtuous formation. Ethic. Teaching practice. Classroom

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha filha Clara, que embora ainda não saiba a importância de uma pesquisa acadêmica, oferece-me energia e motivação para concluí-la e alegria minha vida. Clara me ensina dia a dia questões importantes sobre a formação humana e as relações de amor. Com ela exercito todo o tempo o justo-meio, o equilíbrio para viver deliciosamente as paixões e alcançar um bom uso da razão, aprendo a ser virtuosa com ela e com ela também aumenta meu desejo de que o bem persista, desejo de um mundo ético, repleto de virtudes.

Ao meu esposo e companheiro, Nilson, que fez seus os sonhos que a princípio eram só meus, que abriu mão de um tempo que seria nosso para que eu pudesse caminhar rumo à satisfação de um trabalho concluído, mostrou-se altruísta, um admirável amigo e eu o quero para sempre.

Aos meus pais Rubens e Sara, por acreditarem, porque foi através dos seus olhos que eu me enxerguei capaz, por me ensinarem a decidir pela garra, pela determinação e a “ir com medo mesmo”.

Dedico este trabalho, especialmente, a minha avó materna, Sr^a Alda (in memoriam) por me ensinar que é possível caminhar mesmo muito ferida, é possível prosseguir e ir além do que parecia limite; aprendi que queixas não cabem no dia daqueles que são gratos pela vida. Obrigada por sua vida de coragem, integridade, pelo discernimento, amor, diligencia e sobretudo, por sua amizade.

A vocês, meu amor!

Agradeço ao Deus criador pela oportunidade da vida.

Agradeço o Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho, meu orientador, por seus inúmeros atos de gentileza e ética, por me ensinar virtude com experiências simples e das quais talvez nem tenha se dado conta. Obrigada por me aceitar, apesar de minha imaturidade acadêmica, como orientanda; grata pela paciência e autonomia oferecida.

Agradeço aos professores da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita, *Campus* de Marília pelas oportunidades de estudo, em especial aos responsáveis pelas disciplinas que pude participar: Alonso Bezerra de Carvalho, Sinésio Ferraz Bueno, Pedro Ângelo Pagni e Rodrigo Pelloso Gelamo .

Agradeço ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade (GEPEES); com o qual muito pude aprender, obrigada pelas contribuições a minha pesquisa, pelas indicações e trocas, pelas leituras, comentários e discussões vividas e que foram essenciais a minha formação humana e acadêmica.

Agradeço a ETEC Dr. Luiz César Couto – Quatá/SP, aos alunos, seus familiares, professores e funcionários pela experiência de viver a educação, suas angústias, inquietações e alegrias.

“o virtuoso age corretamente, em harmonia com suas paixões, porque ele as dominou de uma vez por todas. Não só aprendeu a agir de modo conveniente, mas, a sentir o pathos adequado. Enquanto eu precisar esforçar-me para resistir ao que minhas paixões trazerem de excesso, ainda não as dominei. Ainda não sou virtuoso”[...] (LEBRUN,2009, p.20)

“... ao longo de nossas vidas somos atravessados e experimentamos modos de existir que não se reduzem ou não podem ser compreendidos em uma única configuração, pois somos seres em constante configuração e movimento. A condição humana, isto é, as características que nos distinguem dos outros seres viventes podem ser vistas como marcadas por atividades, ideias, anseios e gestos que se modificam, se contradizem, se unificam e são ultrapassados, o que sugere nosso caráter finito, incompleto e sempre aberto. ” (CARVALHO, 2016, p.209)

“A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consiste numa mediana, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo” (ARISTÓTELES, 1991, *Ética a Nicômaco*, p.35)

SUMÁRIO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"	10
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"	10
INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO I: ÉTICA DAS VIRTUDES X ÉTICA DO DEVER.....	14
1.1 ÉTICA	14
1.2 ÉTICA DAS VIRTUDES	15
1.3 A VIRTUDE E AS PAIXÕES	18
1.4 EDUCAÇÃO E A ÉTICA DAS VIRTUDES	24
1.5 FELICIDADE	29
1.6 ÉTICA DO DEVER.....	34
1.7 A EDUCAÇÃO E A ÉTICA DO DEVER.....	36
1.8 DIFERENÇAS	39
2 CAPÍTULO II : A NOÇÃO DE FORMAÇÃO	44
2.1 PAIDEIA.....	44
2.2 O CARÁTER	47
2.3 AS RELAÇÕES HUMANAS	49
2.4 A (TRANS) FORMAÇÃO: DO BIO AO SOCIAL.....	54
3. CAPÍTULO III: É POSSÍVEL A FORMAÇÃO VIRTUOSA NA ESCOLA HOJE?.....	59
3.1 A ESCOLA EM CRISE (?).....	59
3.2 A ESCOLA E SEU (SEUS) PAPEL (PAPEIS)	61
3.3A PRESENÇA DA DIVERSIDADE	63
3.4 ALEM DOS MÉTODOS E FABRICAÇÃO	66
3.5 ANÁLISE DE DADOS	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75
QUESTIONÁRIO	78
TABELA 1	78

INTRODUÇÃO

Este caminho tem oferecido encantos e a possibilidade de (re) formações; uma trajetória em que se tem percebido a presença de relações amorosas, orientadoras, acolhedoras, estimulantes e tem acontecido em um tempo amistosamente respeitado, assim tem sido o desenvolvimento deste trabalho de dissertação.

Exercendo desde 2010 a função de orientadora educacional em escola pública de educação básica, cuja atribuição do cargo, conforme edital 01/2009 do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, é dar assistência ao aluno, individual ou em grupo, no âmbito do ensino médio e técnico, visando o desenvolvimento integral, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-os no exercício das opções básicas; surgem então questões que me atingem existencial e profissionalmente, como por exemplo, qual seria a melhor forma de exercer assistência à formação do aluno? Ou: quais experiências são necessárias para formação do homem? Claro que se trata do homem bom; o que se deseja, o sujeito ético, a formação do homem virtuoso, aquele que consegue fazer escolhas adequadas e coerentes para a *polis*, que viva feliz em sua comunidade.

O desejo com este trabalho é entender a formação do homem, quais vivências são necessárias para o desenvolvimento das virtudes e, especialmente, aquilo que cabe à escola nesta formação. O anseio é compreender que papel é possível à escola para o desenvolvimento do homem ético. Estas são algumas inquietações que levaram à pesquisa.

Um trabalho que tem as implicações de uma pesquisa dirigida a um fenômeno das humanidades, em que objeto e pesquisador se relacionam, e na medida em que se dá a atividade deste pesquisador também este é (re) formado. Enquanto esta relação acontece, a intenção acadêmica é investigar, com base em procedimentos de pesquisa de caráter qualitativo, a formação do homem virtuoso na escola.

Trata-se de uma pesquisa de base qualitativa que tem o objetivo de analisar a relação da escola contemporânea com a formação virtuosa de seus alunos, para tanto, conceitos da filosofia clássica se encontram com reflexões sobre a escola e seus atores.

O trabalho, dividido em três capítulos principais, além é claro da introdução e considerações finais, tem o primeiro intitulado “Ética da virtude x Ética do dever”. Neste momento, procuramos descrever a noção de ética e entender, através de pressupostos filosóficos de Kant, Aristóteles e comentadores, os conceitos principais relacionados ao tema; buscamos conhecer termos empregados pelos autores, pensar em contribuições para educação, sintetizar possíveis questões conflituosas, e por fim, realizar reflexões sobre o homem ético.

O segundo capítulo "A noção de formação", tem o objetivo de investigar a formação da excelência moral, uma educação que forma para o bom uso da razão, a Paideia, conceito grego carregado de sentido educativo e que se refere aos processos de formação que exigem ações da pedagogia prática. A seção tem a intenção de estabelecer uma ponte entre termos da filosofia grega e a escola na contemporaneidade.

Uma questão dá nome ao terceiro capítulo: “É possível a formação na escola hoje? ” e investiga as implicações da atualidade, discutindo as possibilidades de a escola atuar sobre a formação virtuosa do homem. Apresenta uma escola que vive influências históricas e sociais e a entende como instituição social viva que tanto age sobre o meio em que está inserida, como é tocada por ele e manifesta implícita e explicitamente os valores da cultura em que está e que é dinâmica e temporal. Não se trata de apresentar métodos a serem executados por educadores, mas de refletir sobre as maneiras como as relações e as experiências acontecem e são frequentemente vivenciadas no ambiente escolar. Este último capítulo traz também coleta de dados, questionário aplicado a docentes da Etec Dr. Luiz César Couto em Quatá e traça um perfil dos envolvidos no que se refere ao tema da dissertação.

Um trabalho que, a princípio, se limitaria a uma pesquisa bibliográfica, foi favorecido por análise de dados resultantes de questionários, uma pesquisa científica de caráter subjetivo que investigou experiências de um grupo de professores; instrumento que, por se compor de questões não objetivas, ofereceu espaço para docentes apresentarem opiniões, experiências e ideias de conceitos sobre o tema da dissertação.

Conceitos antigos continuam sendo trazidos para pensar a educação e permanecem adequados para aclarar as dificuldades enfrentadas. São termos importantes, palavras usadas em discussões e que se mantêm vivas e não permitem

que se perca o essencial da educação, lembram que a referência da escola deve ser a formação e não a doutrinação.

A finalidade ao trazer a discussão sobre formação virtuosa na escola é colaborar para manter a ideia de quão grandioso é o homem e importante a escola e da mesma forma mostrar que as relações entre os homens são essenciais, o contato do sujeito com seus outros, seus encontros com os diferentes.

Os conceitos apresentados são frequentemente analisados, presentes em trabalhos que refletem a importância do ser humano em sua individualidade e na *polis*, no coletivo. Assim, neste trabalho, conceitos antigos e modernos se encontram, citações de teorias clássicas alicerçaram discursos que visam contribuir para o pensamento e a vida prática na escola.

1 CAPÍTULO I: ÉTICA DAS VIRTUDES X ÉTICA DO DEVER

O primeiro capítulo desta dissertação tem como pressuposto considerar que as inquietações sobre a formação humana são essenciais ao educador e que é importante conhecer sobre a maneira como o desenvolvimento humano acontece, quais condições, ambientes ou situações são necessários para que o homem ético exista. Sendo assim, além de pensar sobre o ensino e a aprendizagem dos conteúdos da língua ou lógico-matemáticos a escola deve refletir sobre a possibilidade do ensino prático da ética, sobre a *práxis* do desenvolvimento de ações e vida ética. Questões que, conforme Boto (2001), podem em um primeiro momento parecer desgastadas de tão debatidas, mas será que são verdadeiramente discutidas ou na maioria dos casos, esbarram no senso comum, sem resultados práticos à educação?

Este capítulo investiga a noção de ética segundo Aristóteles e Kant, apresentam conceitos que caracterizam cada uma destas teorias, as diferenças entre elas e as suas contribuições para a educação. O pensamento aristotélico e kantiano sobre a ética é explorado, em especial, termos como, virtude, paixão, o dever, imperativo categórico e a razão. O início desta dissertação tem a intenção de oferecer alicerce, pré-requisitos, para a compreensão da formação do homem.

1.1 ÉTICA

Não é possível o pensamento da ética sem a reflexão sobre as relações humanas. A escola é um campo riquíssimo de encontros, de diálogos e experiências com pessoas diferentes. É um importante lugar para se viver a ética; um lugar de interações coletivas. Um lugar em meio à vida na realidade social que o homem apresenta seu caráter e manifesta a sua índole.

Partindo de questionamentos sobre o que leva o homem a comportar-se de forma virtuosa, adequada (moralmente), mesmo sendo necessário privar-se, temporariamente ou não, de seus interesses e prazeres/desejos, chega-se ao estudo da ética. Estudar o agir, o pensar e o formar-se do homem, implica necessariamente na investigação da ética.

São modelos a serem investigados: um que mostra o homem restringindo seus desejos por conta da concepção da vida boa, apresentada por Aristóteles,

chamado de “ética das virtudes” ou “ética do bem”, e um segundo modelo, a posição kantiana, que nos ensina que o homem deixa de agir conforme as suas inclinações por conta de uma lei racional, chamado de “ética do dever”.

A primeira, “ética das virtudes”, fala de um homem cujas atividades caminham para um fim, para o bem, para a felicidade, a vida digna, vida que tenha sentido, que cumpra sua função. Conforme Oliveira (2010), o que diferencia este homem, o homem bom, dos demais é o fato de que a sua razão (*logos*) está sendo usada de acordo com as virtudes, não se trata de qualquer atividade, mas sim, da realização de atividades racionais, trata-se de um homem que se priva de interesses imediatos em favor de outros interesses, mais significativos. O segundo modelo, a “ética do dever”, fala do cumprimento das leis morais por elas mesmas, pelo dever, imperativo este que serve para todos, em qualquer situação.

1.2 ÉTICA DAS VIRTUDES

A ética das virtudes entende a razão como principal característica dos seres humanos e que ela deve dirigir todos os atos humanos para que sejam virtuosos. Aristóteles entende a felicidade como fim último da vida do homem virtuoso. O homem virtuoso é aquele capaz de realizar-se como homem, como ser racional, *logo*, o que consegue harmonizar natureza e moralidade, atingindo a felicidade, a *eudaimonia*, um bem-estar resultante do equilíbrio entre os componentes da alma.

A virtude não é gerada naturalmente, mas através da repetição, do hábito, assim o ser humano fica pronto para prática de atos justos. O homem se torna virtuoso pelo exercício. É apenas em meio às práticas que a virtude se desenvolve, por intermédio das atividades sociais. Entende-se por prática, então:

[...] qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos e essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos (GONÇALVES, 2012, p. 85 apud MACINTYERE, 2001, p. 316).

Alves (2014), utilizando-se dos conhecimentos de Aristóteles, destaca a educação virtuosa como fundamental para vida feliz e a necessidade de exercícios

constantes da virtude como o caminho para vida boa. A ética das virtudes está toda dominada pelo conceito de *telos* (fim) já que as ações acontecem por uma finalidade, um propósito, o bem-estar total, a vida boa.

Os seres humanos, bem como os membros de todas as outras espécies, têm uma natureza específica; e essa natureza é tal que eles têm certos objetivos e metas, de modo que se movimentam pela natureza rumo a um *telos* específico. O bem é definido segundo suas características específicas (MACINTYRE, 2001, p. 252).

Sabemos que uma coisa é boa quando cumpre sua função e que a função do homem é agir seguindo sua razão. Para a ética da virtude, é o bom uso da racionalidade que determina a condição humana. Então o homem é bom, é virtuoso quando se comporta com a razão, quando executa bem sua função (a razão):

Por esta razão a felicidade é definida como uma atividade da alma (*psyché*) racional e conforme a virtude perfeita. A alma faz o homem viver, mas o que faz o homem viver bem e ser bom é a educação virtuosa da alma racional, ou seja, excelência da função específica expressa no bom uso da razão e nas ações em conformidade com ela (ALVES, 2014 p. 96).

O homem virtuoso é aquele que age racionalmente. Isso é próprio do ser humano, é o que o faz feliz, mas para tanto, é preciso ser educado. O sujeito adquire virtudes e disposição de caráter a comportamentos bons, vive a prática contínua de boas ações até que se tornem hábitos.

Conforme Hooft (2013, p.7) a palavra virtude vem de *virtus*:

[...] que significa “excelência”, “capacidade” ou “habilidade”. Neste sentido, ter virtude é ter o poder ou a habilidade de realizar alguma coisa. Mais comumente, no inglês moderno, a palavra veio a referir-se a uma disposição ou a um padrão de caráter ou personalidade de alguém que o leva a agir moralmente. Refere-se a traços de caráter que consideramos admiráveis.

Há um estado de caráter que permite exercer a função humana, o seu ser racional. O caráter se desenvolve através de práticas que geram hábitos, pela constância em comportamentos que não se excedem, capaz da escolha do justo meio.

As virtudes são disposições não só de agir de determinadas maneiras, mas também de pensar de determinadas maneiras. Agir virtuosamente [...] é agir com base na inclinação formada pelo cultivo das virtudes. A educação moral é uma *éducation sentimentale*. [...] uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens que são internos às práticas e cuja ausência nos impede, efetivamente, de alcançá-los (MACINTYRE, 2001, p. 255-321).

Segundo o mesmo autor, a noção de virtude está ligada à vida social, histórica, ao homem como um todo, integral, inserido em seu meio e com suas experiências particulares de vida e ao mesmo tempo integrado à vida e às experiências dos outros. Considerado como um sujeito formado com estreito vínculo com a *polis*, com a sua comunidade, um homem que possui identidade social e também animal, corporal.

O justo meio deve ser compreendido de maneira subjetiva, no sentido do que é ideal a cada situação, para cada sujeito, logo, a virtude (o jeito certo de agir) pode não ser exatamente a mesma em todos os momentos.

Na sua definição, assim, Aristóteles nos ensina:

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consiste numa mediana, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo. (ARISTÓTELES, 1991, p.35).

Quando a razão decide agir em uma mediana, entre dois vícios, temos uma ação virtuosa, um comportamento ético; quando o sujeito não é dirigido por seus impulsos, mas diante deles faz uso da racionalidade e decide pelo justo meio, o homem virtuoso então tem a vida feliz, pois atinge o propósito maior da humanidade, a excelência do uso da razão; age e vive, segundo sua racionalidade, o que nem sempre é fácil.

Para Zingano (2009, p.156),

[...] se a virtude é uma disposição, a disposição é ela própria nosso comportamento bom ou mau com relação às emoções, o que reintroduz as emoções nos corações mesmo do agir virtuoso, a virtude não é uma emoção, mas não ocorre sem emoções, dado que é uma disposição é um comportamento estável com relação às emoções. A virtude é então definida como sendo uma justa medida ou mediedade entre dois extremos, a falta e o excesso que caracterizam os vícios a serem evitados.

Na busca do equilíbrio, da virtude, o sujeito deve afastar-se daquilo que o contraria e não se deixar levar por situações que causam prazer ou deixar-se repudiar impulsivamente de tudo que leve à dor, tendência natural ao homem em atitude de vigilância, prudência e sensatez para não errar. Claro, sempre levando em consideração o que é mais apropriado ao ambiente para que seja possível decidir não apenas sobre o que é bom para si, mas considerando o coletivo, ações possíveis apenas pelo bom uso da razão.

1.3 A VIRTUDE E AS PAIXÕES

Na ética das virtudes, mesmo as paixões (raiva, medo, prazer ou dor) são vividas. Não há falta, ausência delas e tão pouco seu excesso, mas busca-se pela vivencia moderada. O homem escolhe por comportar-se em uma mediana, uma justa medida encontrada pelo uso da razão.

O homem virtuoso não deve procurar extirpar suas emoções, como se a virtude fosse uma ausência de emoções, uma *apathéia*, como queriam os estóicos, mas ao contrário, tomando-as como elementos indispensáveis da vida humana, ele deve buscar sua justa medida, graças a qual a ação será adequada e verdadeira do ponto de vista moral ao mesmo tempo em que fica ancorada nas emoções e paixões do agente (ZINGANO, 2009, p. 143).

A virtude moral consiste justamente na capacidade de, em meio às paixões, conseguir escolher pela justa medida, por uma mediania que só pode surgir pelo bom uso da razão; é no controle das paixões que se dá a virtude; o virtuoso age em harmonia com as paixões, o grande êxito é não precisar se esforçar para resisti-las e assim agir racionalmente.

Percebe-se assim que o homem “virtuoso” não é aquele que renunciou as suas paixões (com seria possível?). Não o que

conseguiu abrandá-las ao máximo. O homem virtuoso ou “bom” é o que aprimora sua conduta de modo a medir da melhor maneira possível e em todas as circunstâncias o quanto de paixão seus atos comportam inevitavelmente (LEBRUN, 2009, p. 20).

Virtuoso é aquele que tem livre escolha em seu agir; para ele não há inclinações determinantes, mas há prudência sobre o que é bom e que envolve a si mesmo e a todos ou outros. A princípio os atos virtuosos são repetidos sem um conhecimento reflexivo, entretanto, conforme avança o processo educativo surge a escolha de atitudes boas a partir de seu caráter com a real intenção de realizá-las.

Para a formação do caráter há de se levar em conta aspectos orgânicos e, sobretudo, os meios sociais que conduzem o homem a escolher pela virtude moral através da constância de bons hábitos. É a estabilidade dos atos, a princípio conduzida por adultos, que promove a formação de um caráter inclinado à virtude, capaz de estabelecer escolhas e agir conforme estas decisões, isto é, um ser racional, de justa medida.

O uso da razão no agir leva o homem a exercer com satisfação sua função e isso faz feliz, o que só pode acontecer pela formação do caráter, graças a sua educação ética. Segundo Boto (2001, p.122), “o sujeito moral é por definição aquele capaz de distinguir entre o bem e o mal; é, portanto, capaz de se desviar do caminho prescrito, capaz de decidir, de escolher, de deliberar – pelo reconhecimento da fronteira entre o justo e injusto”. Ainda segundo a autora, na Grécia Clássica o termo ética se referia à excelência (*areté*), característica particular da humanidade como a justiça, coragem, ponderação etc., que a distingue da natureza animalidade, tendo em vista que não dispõe do uso da racionalidade.

Razão e paixão (*logos e pathos*) tratam de uma antiga questão, no entanto, mais do que nunca vivemos incoerências entre os pensamentos e as ações humanas, manifestações passionais causam tristeza, em maior ou menor grau, o que intriga e faz pensar ainda mais em conceitos como o conhecimento (ciência), o coletivo (político) e a ética, um legado da filosofia Grega que continuará exposto, pois ainda hoje, e possivelmente por muito tempo, é causa de conflito.

Para que fique mais claro o que se procura com esta pesquisa e sem a pretensão de encontrar conclusões, mas com o desejo de pensar a ética na prática da escola, segue um importante conceito:

Logos é: palavra, o que se diz, sentença, máxima, exemplo, conversa, assunto de discussão; pensar, inteligência, razão, faculdade de raciocinar; fundamento causa, princípio, motivo, razão de alguma coisa; argumento, exercício da razão, juízo ou julgamento, bom senso, explicação, narrativa, estudos, valor atribuído a alguma coisa, razão, estima de alguma coisa, justificação, analogia (CHAUÍ, 2010, p. 504).

À medida que o sujeito usa sua razão, passa a ser mais genuíno e coerente, inclusive no que se refere às paixões.

Compreende-se então, através da filosofia platônica, que no mundo sensível das paixões sem luz (sem razão), sem visão, não apresenta possibilidade de conduzir bem a vontade no momento da decisão.

Mas a exaltação da razão em detrimento das paixões pode ser tão inadequada quanto seu oposto. Fique claro que não há defesa da renúncia, em sacrificar, da busca pela aniquilação das paixões, como se isso fosse possível. Não nos referimos à razão extinguindo as paixões, mas sim “pensar a formação de um ser virtuoso a partir das paixões que o constitui” (CARVALHO, 2012, p. 203); é pensar a ética a partir do homem completo, inclusive sobre as suas questões até então excluídas e consideradas negativas.

Há o que está sob o poder do homem e aquilo que não está, a virtude é o usar o que está sob o poder do homem, a razão, para cuidar, conter ou decidir sobre o que não está, a paixão.

Aos apetites nos referimos à satisfação irracional do corpo, aos prazeres dos alimentos ou sexo; seu oposto é a função que também se preocupa com a segurança deste corpo, por fim, há uma parte racional que busca o equilíbrio:

a sua tarefa ética é dominar e impor a medida e a proporção. Assim, a alma será virtuosa se a parte racional for mais forte e mais dominadora do que as outras duas e se não sucumbir aos apelos do apetite e da cólera, isto é, se não ceder aos apelos irracionais das paixões (CARVALHO, 2012, p.205).

Assim como feito com o conceito de *logos*, trazemos aqui a definição de *páthos*:

Páthos: paixão ou sentimento, emoção, aquilo que se sofre, ânimo agitado por circunstâncias exteriores; perturbação do ânimo causada por uma ação externa; acontecimentos ou mudanças nas coisas causadas por uma ação externa ou por um agente externo;

possibilidade humana das coisas; doença (patológico, patologia); emoção forte causada por expressão externa; passividade física e moral; sofrimento (CHAUI 2011, p. 208).

Para garantir clareza no desenvolvimento do trabalho, ressalta-se que, os termos paixão, sentimento e emoção são apresentados aqui como equivalentes, sempre em referência àquilo que afeta fortemente o homem, que o perturba, que pode ser fonte de ação como a amizade, a inveja, medo, ódio, alegria e a compaixão, freqüentemente acompanhado de prazer ou dor.

Em Helvétius (1989) apud Carvalho (2012), é apresentada a genealogia das paixões, como elas surgem e se formam no homem. No texto, distinguem-se as paixões dadas pela natureza e as estabelecidas pela sociedade. No princípio da vida do homem há uma sensibilidade física, são as necessidades como a sede, fome e temperatura adequada, que promovem experiências de prazer e dor. À medida que o homem se desenvolve e é inserido em sociedade, o sentimento de amor de si e o desejo de felicidade geram o desejo de poder, a inveja e a avareza e tantos outros. O que há de positivo nas paixões é o fato de levar o homem à ação; se em um primeiro momento a inveja e a ambição, por exemplo, não existem, conforme o homem vai ingressando no mundo coletivo, este universo moral vai se manifestando, é quando se pode pensar em ética, em afetos e comportamentos que refletem as paixões ou as virtudes. O avançar do desenvolvimento da humanidade e o alcançar das complexidades na sociedade, traz consigo também o bem e mal moral, a cobiça, amizade, amor ou a inveja; mesmo que não dadas pela natureza primeira são questões do homem.

A instauração de relações sociais cada vez mais complexas tende a favorecer o aprofundamento do campo de atuação dos desejos e dos impulsos, alimentados pela busca permanente da satisfação não somente das necessidades básicas, mas também daquelas que foram criadas e inventadas *a posteriori* (CARVALHO, 2012, p.209).

Como dito, as paixões cumprem o positivo papel de conduzir ao movimento, à ação, sem elas haveria estagnação, é a energia patente que leva o sujeito à busca, às conquistas; graças às paixões o sujeito sai do estado de inércia, caminhando com coragem, ou seja, dependemos das paixões. É importante que sejamos apaixonados para sermos humanos em toda sua complexidade, um elemento fundamental na

formação dos valores éticos e na constituição das ações humanas, sendo assim, é tarefa da ética:

[...] educar nossos desejos para que não se torne vício e colabore com a ação feita por meio da virtude. Em outras palavras, Aristóteles não expulsa a afetividade, mas busca os meios pelos quais o desejo passional se torne desejo virtuoso (CHAUI, 2011, p.444).

Diferentemente da negação, da aniquilação dos desejos; isso seria extrair a própria humanidade. O homem virtuoso e que o modelo aristotélico, sabe agir de modo conveniente, harmonioso com as paixões, não as considera como obstáculos, mas aspectos importantes na constituição da vida ética, são oportunidades do homem alcançar a virtude.

É porque temos desejo (*pathos*) que é possível buscar bem, é possível escolher; não há um fim determinado para o humano graças à razão, ao *logos*.

Na concepção de vida ética aristotélica, as paixões são elementos essenciais para a edificação do sujeito virtuoso, cabendo a nós, homens, nos responsabilizarmos pela educação destas tendências que estão implantadas em nossa natureza, isto é, somos responsáveis pelo mau uso que delas podemos fazer. Essa educação, porém, não é uma simples repressão dos desejos insaciáveis e que quer se alimentar de tudo, mas, deve considerar o *pathos* como algo em consonância com o *logos*, em que o papel deste consiste exatamente em escolher os fins e proporcionar os meios. A virtude é o resultado do exercício da razão no homem. (CARVALHO, 2012, p.204).

As paixões podem coexistir no homem com a liberdade responsável, o que nos cabe é viver bem com elas, o homem consegue isso quando bem-educado moralmente.

A busca de um equilíbrio entre *logos* e *pathos* para a moral aristotélica, para a ética das virtudes, é que leva à vida ética. Não há virtude na ausência das paixões, ao contrário, é na justa medida que se faz delas, é a mediania do *pathos* vivenciada nas circunstâncias da vida prática, cotidiana, experiência esta que se dá de maneira cada vez mais excelente com o bom uso da razão; neste momento, quando razão e paixão estão juntas é que se constitui a vida feliz, na qual cada um destes fatores essenciais à constituição do humano exerce bem suas funções. A paixão, essencial para a formação do sujeito moral e a razão prática, tem como função dirigir adequadamente as paixões de forma moderada.

A ética das virtudes entende que não há ética sem paixão. Paixões são ponto de partida para ética aristotélica, já que é no controle das paixões que se tem a virtude, nem na extirpação das paixões nem na sua absoluta liberdade sem direção. Para a ética das virtudes a paixão não é condenável, não é fonte de confusão ou erro se estiver sob o controle da razão. As paixões provêm da parte não racional da alma e estão presentes em todo o tempo no homem, a grande questão é se estarão subordinadas à razão ou não. Para a ética das virtudes, ser virtuoso é viver as paixões de maneira equilibrada, é reconhecer o quão humano somos. O homem não deve buscar pela exclusão de suas paixões, mas, vivê-las de maneira equilibrada; nisto a virtude deve buscar a *metriopatheia*, conforme Zingano (2009), a mediania, a dosagem entre a razão prática e a paixão.

Aristóteles fala, em “Ética a Nicômaco”, sobre a parte irracional do homem, de seu elemento vegetativo, como aquele responsável pela nutrição, vida e crescimento do homem e também apetitivos, responsáveis pelos desejos, apetites, instintos e emoções e também sobre a parte racional; com relação a esta última ele divide as virtudes em intelectuais, geradas pelo ensino e experiências como sabedoria e as virtudes morais, resultantes do hábito como generosidade e coragem. O autor ainda coloca fatores em que a alma humana se manifesta, são eles, as paixões, as faculdades e as disposições.

As paixões são emoções ou sentimentos, estados de espírito que envolve prazer ou sofrimento, podem-se exemplificar com medo ou ódio; as faculdades são as capacidades que o homem tem para experimentar as paixões e por fim; a disposição é o estado de caráter que o sujeito tem em relação às paixões, o modo pelo qual o homem se comporta relativamente as emoções; uma boa disposição diz respeito a sentir determinada paixão de maneira equilibrada sem demasia ou ausências, mas, de maneira virtuosa. Não há no homem a possibilidade de escolher pelas paixões, no sentido de tê-las ou não, já que não são resultados de ato voluntário, mas é possível ao homem escolher por ações justas, éticas, exercitar ações virtuosas através da razão.

As paixões atravessam o homem, chegam e não dependem do sujeito, este simplesmente é afetado, a liberdade está na possibilidade de decisão sobre o que fazer com elas (as paixões), na escolha do como agir, de escolher por uma ação mediada pela razão. Algumas paixões tocam mais intimamente determinados sujeitos, provocam mais, são mais difíceis de serem controladas pela razão, aqui

temos as questões subjetivas com as quais as paixões estão sempre envolvidas, diante de questões tão particulares o sujeito pode se ver cego diante das paixões, isto é, ter mais dificuldades de agir com equilíbrio, de ações em justa medida, ser capaz de obedecer a razão ou não.

Paixões em si, não são um mal, exceto quando sentidas excessivamente ou de forma insuficiente, se sentidas pelas coisas certas e em ocasiões adequadas experimenta-se a virtude.

1.4 EDUCAÇÃO E A ÉTICA DAS VIRTUDES

Formar para a excelência parece algo grandioso e complexo, entretanto, a partir do momento em que decide pela educação e em que se escolhe a escola, é assumida a responsabilidade; lugar em que o ensinar e o aprender estão inseridos, independentemente de sua posição na hierarquia das relações.

Em matéria intelectual, o lugar da formação seria o ensino, em matéria moral a aptidão para a virtude decorreria da força do hábito, da prática e, portanto, da ação social. Aristóteles não descarta, porém, o lugar da natureza na obtenção dos dons humanos, em tudo o que se revela expressão dos sentidos, o homem adquire a potência, a qual será a seu tempo, exterioriza em ato. Assim a visão e audição são potenciais do recém-nascido mesmo que este ainda não se valha plenamente dos sentidos são potenciais que, a seu tempo e progressivamente, serão atualizados na ação. No tocante a virtude, sucederia outro movimento: é pelo exercício que se adquire a prática do bem, ao praticar a justiça tornamo-nos justos (BOTO, 2001, p.126).

Há uma grande dimensão pedagógica na ética, já que, como visto, a virtude moral vem pelo hábito e a constância do hábito requer educação, prática na vida social. “[...]tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, etc.” (ARISTÓTELES, 1991, Livro II, 1). Logo, é através da vida prática com outros homens que se torna virtuoso, a qualidade das atividades vivenciadas repetidamente, dos atos praticados, conduzirão o homem ao ser ético ou não.

A ética, diferente dos movimentos que levam as potencialidades intelectuais a se manifestarem, só se manifesta na esfera coletiva. O ato ético se dá na relação com os outros, repetidas situações que vão levando o homem ao uso da razão, não pela disposição do intelecto, mas na vida.

É acertado, pois, dizer que pela prática de atos justos se gera o homem justo, e pela prática de atos temperantes, o homem temperante; sem essa prática, ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom. Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons dessa maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem (ARISTÓTELES, 1991, p.4).

Para compreensão da noção de ética, temos novamente o conceito de justo meio, de mediana entre dois extremos, neste caso refere-se a um caráter educado, à moderação, à prudência. O sujeito virtuoso não peca pelo excesso tampouco pela ausência é capaz de escolher pelo justo meio entre dois extremos viciosos com sensatez.

Segundo Novaes (2009, p.15):

De maneira bem simplificada, com os clássicos, pode-se dizer que o vício é uma disposição para o mal, assim como em contrapartida a virtude é uma disposição para o bem.

O pensamento clássico nos ensina que virtude é a “excelência” da parte irracional da alma, que pode, através do exercício do hábito, ser sensível à razão: se nos aplicarmos a fazer atos de justiça, sóbrios, corajosos.

O sujeito ético experimenta a liberdade já que usa com maior eficiência sua razão, podendo concordar ou resistir, há a reflexão, que promove boas escolhas e há a maior possibilidade de não ser dominado pelas paixões, de poder escolher vivenciá-las e principalmente o modo e a situação em o que fará. A liberdade da vontade do ser humano dirige a ação ética e contribui para o bem comum, há o reconhecimento do outro, existem relações mais fraternais.

A vida ética, mais feliz e harmoniosa, este afastamento do humano da irracionalidade, das paixões e desejos para o uso de sua racionalidade, é, contudo, um aprendizado.

A educação ética – podemos dizer—supõe um certo disciplinar das vontades, um controle continuado dos instintos e da expressão das determinações externas. A ética é firmada no discernimento necessário entre o possível e o sonhado, na busca escrupulosa de

construção de uma vida equilibrada, valorosa e justa, que resiste e recusa o voluntarismo das paixões (BOTO, 2001, p. 129).

Ainda conforme a autora, a essência da ética está na vida boa e na realização das virtudes. O conceito de bom aqui empregado é avesso ao que temos hoje, em que o bom se refere às questões da satisfação; o bom aqui se refere ao homem político, ao coletivo, cidadão.

A vida boa é aquela orientada para um fim, um propósito que é sempre político, que sempre se realiza com resultados para a comunidade, que é sempre um bem comum. A vida do sujeito moral é uma busca, um caminhar, um processo de autoconhecimento, repleta de exercícios para o ético-moral, isto é, um processo educativo impossível de ser vivido isoladamente, necessariamente ligado à vida em comunidade.

Para a ética da virtude o sujeito que não é ético, assim como a criança, não consegue decidir pelo coletivo e é apenas na prática e não pelo aprendizado conceitual que se torna possível transformar a potência em ato¹. É só através do aprendizado moral que o homem pode dominar suas afeições, seguir sua razão cumprindo o que lhe é dever e tornar-se um homem livre e não mais determinado por suas paixões. Que fique claro, as paixões não são ruins se bem vividas dentro de uma mediania, com autodomínio; é importante saber da sua existência e da sua força já que são inerentes ao homem, são sua natureza, entretanto, não se deixar dominar por elas através do uso da racionalidade e não se deixar vencer pelas tentações, difere o homem de qualquer outro ser.

Essa autonomia, o domínio de si, o domínio dos afetos, é possível com o constante aprender. Dependendo das experiências que viveu cada sujeito, dependendo da educação moral que lhe foi apresentada o homem viverá pelos seus prazeres e não conseguirá entender as orientações da razão, elas não lhe farão sentido, não haverá disposição para virtudes.

É necessário educar para que se forme esta disposição de caráter, assim será possível ao homem escolher o justo meio diante das paixões, haverá então uma tendência ao comportamento bom diante das paixões e, pela prática de boas ações forma-se o homem virtuoso, com um modo de ser racional, sem excessos ou

¹Um dos caros conceitos ao pensamento aristotélico, potência em ato é um dos modos de dizer o ser, um dos sentidos empregados ao ser. A potência se refere a possibilidade de movimento, de atuação, é o que o sujeito pode vir a ser, é a capacidade de realização e o ato é a realização deste potencial.

faltas, com sensatez. “[...] meio-termo é uma forma de acerto, digno de louvor; acertar e ser louvado são características da virtude. Em conclusão, a virtude é uma espécie de mediania, já que, como vimos, ela põe a sua mira no meio-termo” (ARISTÓTELES, 1991, p. 6); é quando através da prática, as ações ponderadas são constantes, são estáveis mesmo diante das paixões.

No que se refere a Educação, à medida que o processo educativo avança, a criança chegará a compreender que agir eticamente é bom e decidirá por fazer sempre, isto é, será um ser virtuoso. Em um primeiro momento a ação serve para formar um caráter e depois é resultado do caráter já formado:

Fazem parte da constituição e da formação do caráter dos indivíduos os aspectos orgânicos, mas, sobretudo, os meios sociais (família, escola, trabalho...) que lhes ensinam determinadas qualidades morais e conduzem a escolher o bem representado pela justa medida (virtude moral). Ora, se o meio social exerce um poder sobressalente aos demais na formação do caráter é com razão que Aristóteles reitera que, desde a infância a criança deve ser ensinada a praticar bons hábitos porque nesta idade o caráter se apresenta mais flexível, o que permite engendrar com mais facilidade os bons costumes. (ALVES, 2014, p. 96).

A educação para ética das virtudes conduz o homem a viver suas paixões nos momentos oportunos, pelas coisas e situações adequadas e faz esta formação de caráter através da condução aos bons hábitos, de um modo estável de agir. Esta constância, o fato da educação dirigir o sujeito à repetição de boas ações leva à disposição de caráter, à tendência a agir conforme a justa medida, a fazer uso da razão. Para Aristóteles, a natureza nos dá a capacidade de receber e aperfeiçoar a virtude pelo hábito da escolha do justo meio, pela prática, pela atividade humana.

Há grande riqueza nas relações humanas, riqueza para toda uma sociedade e no trabalho insistente do educador. Reflexos diretos vão além dos percebidos na vida do indivíduo, a formação do bom caráter repercute no público, no coletivo, pois as virtudes só existem nas experiências práticas, na vida vivida em comunidade.

A genuína ação virtuosa é aquela voluntária, que não ocorre por compulsão ou ignorância e que não é forçada, nela não há coação; não se pode julgar como não virtuoso o sujeito coagido a uma ação inadequada sendo que, na sua vida toda existiu a constância em ações adequadas, éticas e justas, houve prudência e sabedoria prática. Sem dúvida é importante para ética da virtude que haja conhecimento das circunstâncias particulares dos atos; deve-se indagar sobre a

melhor maneira de agir para determinada situação, essencial é a reflexão sobre os diferentes momentos. O homem virtuoso pode agir de diferentes maneiras, suas ações não devem ser automaticamente realizadas, a escolha para ser virtuosa não pode existir sem a razão, o que exige exercício e orientação. Atos virtuosos necessitam de uma disposição de caráter e esta só é possível pela educação da criança.

Desde a mais tenra infância, a criança deve ser ensinada a praticar bons hábitos, a ser moderada. Esse processo ocorre por meio da presença de um ser prudente que poderá ser o pai, mãe ou outro responsável. Assim, ao emergir a razão, as disposições de caráter tornam-se autênticas virtudes; a moderação só é possível graças à capacidade de efetuar raciocínios práticos orientados pela presença do educador, ou de outro com quem se relacione.

O homem virtuoso vivenciou um processo de formação que conduziu a disposição de caráter, que levou a virtude moral, frutos da educação; é quando a escolha pela justa medida se torna um hábito. A formação do caráter, a educação ética, permite que o sujeito exerça bem sua racionalidade, seja justo, logo, segundo a ética da virtude, feliz, que viva bem, um viver específico do ser humano que chega à contemplação.

Um caráter educado para moderação conduz o homem a decidir utilizando-se da razão. A noção de ética para Aristóteles é compreender o justo meio, entender a medida entre dois extremos viciosos, esta decisão ética só acontece, como vimos, pela prática. Aprender a escolher exige um exercício contínuo que perdura a vida toda, em especial no agir coletivo.

A vida justa como categoria só pode ser aprendida como os outros; a interação coletiva, enfim, a esfera pública. De algum modo o pensamento a propósito da ética implica reflexões decorrentes sobre os temas como os da solidariedade, das identidades e dos direitos (BOTO, 2001, p.122).

A noção de virtude diz respeito ao afastamento do homem da irracionalidade das paixões e o caminhar da excelência, para a retidão do agir. Este caminho, o da educação ética, não se refere a extinguir as paixões, mas à disciplina das paixões e instintos para a busca da vida equilibrada, o que não é fácil, entretanto é a realização mais plena, próxima do homem e por isso na vida ética, virtuosa reside a felicidade, nela (na vida boa), o sujeito está vivendo em excelência o que já é.

Essencial lembrar que, o conceito de bom, de vida boa, que tratamos aqui é diferente do conceito de hoje já que este atual está muito separado da dimensão ética, é relativista e narcisista, carregado de situações de excessos ou ausência, controlados pela satisfação imediata das pulsões, dirigida pelas paixões em completo detrimento do outro, do coletivo, da *polis*.

Esta liberdade que a educação ética traz, em que o homem pode concordar, ceder ou resistir às paixões naturais, esta consciência, é uma peculiaridade do ser humano. A possibilidade da escolha ética, do aprendizado ético, se dá entre as relações, entre os sujeitos. É pela instrução, pelo exemplo, é antes uma prática do que um aprendizado conceitual.

A ação ética já está no homem, em uma vida que necessita de educação ética para que esta potência se transforme em ato, em vida e o homem naquele que sabe dominar as paixões, que segue sua razão, que não é escravo, mas que verdadeiramente é livre, seu próprio senhor e não vítima de suas pulsões (paixões).

1.5 FELICIDADE

Os humanos são seres racionais e também passionais cujo exercício deve ser a temperança, a moderação; de maneira que com estes bons hábitos alcance virtude e experiências felizes.

A educação para a ética, ou a formação ética, é necessária para este bem viver, segundo Aristóteles. Fique claro que não se trata da felicidade resultante da satisfação pessoal, ao contrário, fala-se de ações que convergem para o bem comum, para a vida em relação aos demais. A felicidade é atividade na qual opera a razão, a virtude perfeita, é um grande conjunto e ações que o homem faz ou não, ao longo da vida. A felicidade é o fim último das ações racionais.

A educação virtuosa, o exercício da virtude é o que leva à vida feliz (*eudaimonia*), logo, a educação, as atividades racionais levam o homem à virtude e estão leva à vida boa, à vida ativa, repleta de ações guiadas pela razão:

O que diferencia o homem bom dos demais é a virtude racional que se manifesta no bem agir expresso pelo meio termo e pela contemplação. Trata-se de mostrar que a educação ética é o critério essencial para o desenvolvimento da virtude e conseqüentemente a sua prática constante viabiliza a conquista pela vida feliz (ALVES, 2014, p.94).

Fala-se de uma educação para uma sabedoria prática que ofereça condições de agir bem, para o bem viver, Aristóteles fala sobre a causa final. A ética aristotélica pode ser compreendida como teleológica, pois está toda envolvida pelo conceito de *telos* (fim). Ela entende que agimos por uma finalidade e este fim move o sujeito à ação, fazendo-o escolher os melhores meios para alcançá-la. A felicidade vem como um fim supremo, absoluto e é por este fim, suficiente por si para deixar a via repleta de satisfação que desejamos os demais bens, os intermediários.

O fim último do agir humano é a felicidade e o homem consegue ser excelente (virtuoso), quando cumpre com êxito o propósito para o qual existe; entendemos que todas as faculdades do homem estão subordinadas à razão e que a capacidade racional é o fator que diferencia o homem dos demais animais, logo, aquele que sabe fazer bom uso da razão é o considerado virtuoso, vive com temperança as paixões, sem vícios. Alcança o propósito absoluto da vida humana, a *eudaimonia*.

Segundo Boto apud Alves (2001, p. 92):

a felicidade é definida com o uma atividade da alma racional e conforme a virtude perfeita. A alma faz o homem viver, mas, o que faz o homem viver bem e ser bom é a educação virtuosa da alma racional, ou seja, a excelência da função específica expressa no bom uso da razão e não ações em conformidade com ela. Ninguém louva alguém por sua felicidade, mas por sua virtude, por somente esta depende de sua educação, da vontade de cada um. A felicidade depende da virtude e ambas da razão. A uma íntima relação entre elas: só se pode ser feliz se for educado para ser virtuoso e virtuoso se agir racionalmente.

O homem não é um sujeito virtuoso por natureza, tudo isso é aprendido, ações éticas são adquiridas pelo exercício, com a prática:

[...] o agradável e o doloroso cresceram conosco desde a nossa infância, e por isso é difícil conter essas paixões, enraizadas como estão na nossa vida. E, alguns mais e outros menos, medimos nossas próprias ações pelo estalão do prazer e da dor. Por esse motivo, toda a nossa inquirição girará em torno deles, já que, pelo fato de serem legítimos ou ilegítimos, o prazer e a dor que sentimos têm efeito não pequeno sobre as nossas ações. (ARISTÓTELES, 1991, *Ética a Nicômaco*, Livro II, 3).

Os atos que praticamos e as experiências com os outros, é que vão formando o homem. O seu hábito vai formando o caráter e acaba fazendo uma segunda natureza, não inata, mas adquirida, o que há no homem é uma potencialidade para se tornar ético ou virtuoso, sem ela jamais se conseguiria, por melhor que fosse o trabalho de educar moralmente.

O caminho que se deve seguir, então, diz respeito ao homem, a princípio não virtuoso, que passa a comportar-se de maneira ética, a princípio não livremente pelo uso da razão, mas mediante o cumprimento das normas impostas até que a temperança, o justo meio passe a ser uma decisão constante diante das paixões, e, de maneira racional, o hábito fará deste homem um sujeito virtuoso. É pela prática dos atos virtuosos que o sujeito não virtuoso passará a sê-lo, fará uso excelente de sua razão e terá uma vida boa (*eudaimonia*).

Não há nada maior do que a contemplação, segundo Aristóteles em *Ética a Nicômaco* (Livro X, VIII). É a atividade humana que mais se assemelha a Deus, a mais feliz. É uma atividade teórica, auto-suficiente e puramente racional. Por tudo isso não é possível em muitos momentos, já que o homem é um ser social e biológico que precisa da satisfação de suas necessidades mais básicas, e na contemplação não há interação. As atividades racionais do homem podem ser vividas tanto em virtude (atividades práticas) como na contemplação (atividades teóricas). Ambas, porém, indispensáveis à felicidade. São complementares as virtudes morais e as atividades contemplativas; é agindo eticamente com os demais homens (na *polis*) e refletindo, em contemplação, que o sujeito exerce a excelência. Em Boto (2001, p. 143) há uma descrição de ética que afirma:

Uma questão em aberto como em aberto são sempre grandes temas que tocam a fundo a condição do ser humano. Educação e ética são dois pólos de uma mesma construção. Um mundo mais fraterno e mais saudável para o indivíduo e para coletividade. Sendo o homem o único animal capaz de fazer promessas, um possível cumpridor de leis que a si e aos outros - em interação - estabelece. Cumprir tais leis significa seguir a força da vontade autônoma; suspender as paixões até o limite do possível significa também um continuado exame dessas leis, em alguma medida a periódicas revisões.

Ainda sobre o conceito de ética, há contribuições de Oliveira (2010, p. 126), se refere ao termo como um pacto, “pressuposto e é compromisso; aprendido e

experiência; é habito e é disciplina; indagação e convicção; é suficiente e é provisório; como a vida é”.

No presente trabalho não há intenção de diferenciar terminologicamente “ética” e “moral” embora estejam presentes os dois termos. Entretanto, segundo Oliveira (2010, p.249), ética:

[...] diz respeito a obrigações que temos pelo fato de sermos membros de uma comunidade”, enquanto moral se refere a costumes, “obrigações baseadas apenas no fato de sermos indivíduos cuja vontade poderia ser determinada pela razão”. Porém, usaremos estes termos intercambialmente sem prejuízos de nosso objetivo: o estudo do homem bom, virtuoso no ambiente escolar.

Este homem bom consiste, tanto para ética do dever como para a ética da virtude, naquele que, pelo uso da razão, restringe seus interesses ou desejos impulsivos em favor do outro. Diferem, entretanto, pelo fato de que para ética da virtude há um fim último no agir ético, o viver bem, a *eudaimonia*, aquele que age de forma excelente conforme a sua função, o ser *eudaimom*, portanto, é aquele que age conforme a sua razão (*logos*), pois isso lhe é próprio. Eudaimonia, então, é a finalidade última, a felicidade. Não se trata do bem-estar ou do conforto, não se refere a uma emoção, mas sim à vida bem-sucedida, não no sentido contemporâneo, mas no viver repleto de atividades, de ações que conduzem à excelência, ao sucesso do uso da razão, do equilíbrio, do justo meio.

McIntyre (2001) se refere a dificuldade de tradução do termo:

[...] bem-aventurança, felicidade, prosperidade. É o estado de estar bem e fazer o bem ao estar bem, do homem estar bem favorecido em relação a si mesmo e em relação ao divino. [...] o que constitui o bem para o homem é uma vida humana completa, vivida da melhor forma possível e o exercício das virtudes é uma parte necessária e fundamental de tal vida e não um mero exercício preparatório para garantir tal vida. A afirmação de que pode haver algum meio de alcançar o bem para o homem sem viver o exercício das virtudes não faz sentido (MACINTYRE, 2001, p. 253 e 254).

Apesar de o agir racionalmente lhe ser próprio, não são todos os homens que fazem com excelência, não são todos bons, não são todos que desempenham sua função com superioridade.

O agir do homem virtuoso (bom) tem um fim a atingir, caminha para alcançar o máximo da função que é lhe é particular, específica da humanidade, a racionalidade; assim, será feliz quando agir de acordo com a virtude, no melhor desempenho da sua função.

O contato, a pesquisa, o estudo mais cuidadoso sobre as atividades humanas, nos fazem entender que a atividade própria do homem é aquela que resulta de seu elemento racional, aquela conforme a virtude e que para a ética não há como viver uma vida boa sem ser justo, ponderado, sem considerar o interesse dos outros de sua comunidade. Para a noção de virtude todo o ser natural tem sua função, são compreendidos conforme o modo e a qualidade que desempenham esta função; há sempre uma finalidade (*telos*).

Borges (2017, p. 264), analisando concepções de McIntyre, um dos principais responsáveis pelo renascimento da teoria ética da virtude a partir do último terço do século passado, distingue dois níveis de teleologia, a imanente e a teleologia transcendente; a primeira (teleologia imanente) como aquela inerente a prática social em si, tem como objetivos a excelência, a máxima performance técnica daquele que realiza a prática social, a excelência no desempenho do agente, a perfeição do produto, do resultado da ação; a segunda (teleologia transcendente) é aquele nível que está presente em todas as práticas sociais, que é comum a todas elas, é o elemento ético, a virtude que as orienta. Ambos os níveis formam os “bens internos à prática”, combinando excelência técnica e excelência nas virtudes.

As práticas sociais, atividades humanas tão complexas e coerentes, têm padrões que necessitam ser buscados para garantir e alcançar a excelência, esta normativa interna às práticas sociais não são fixas, se modificam na medida em que as concepções humanas de finalidade e dos bens envolvidos são reformuladas ou ainda, quando novos padrões são atingidos pela atividade prática em si.

Tanto a excelência no desempenho, a técnica, como as virtudes éticas são indissociáveis, bens internos à prática e aos homens, se organizam de maneira que possam ter os meios e estabelecer seus padrões para a realização dos fins humanos, para realização de suas potencialidades.

Logo, para Borges (2017), os bens ou fins particulares de cada prática social envolvem tantos resultados da prática, da ação em si, como a forma de vida do próprio homem, agente da prática social.

1.6 ÉTICA DO DEVER

A ética do dever é centrada na racionalidade, em regras concretas do agir e busca a realização da lei moral através de um imperativo categórico, isto é, de uma lei universal que vale igualmente em todo tempo e que exige a realização de uma ação sem considerar o fim, o fim é a própria ação ética.

Kant, nascido em 22 de abril de 1724, se preocupou em refletir sobre o problema da ação humana, ou seja, o problema moral, enfatizou a necessidade da educação para que o homem possa desenvolver completamente as suas potencialidades, as suas disposições naturais/originais. Para Kant o ser humano é originalmente bom.

O dever (*deon*), para Kant, não é uma imposição externa tão somente, mas a imposição que a razão prática coloca em si, logo, trata-se de liberdade, de autonomia, já que há uma decisão em cumprir aquilo que a razão tem como melhor, o melhor é o racional. A própria razão do homem escolhe fazer o que por vezes não agrada o sujeito, mas que é moralmente adequado. Há duas possibilidades para sua vontade, ou ele se comporta conforme suas inclinações, seus desejos sensíveis ou conforme a lei, a sua razão (OLIVEIRA, 2010).

Para Kant, um homem bom, com valor moral, é aquele que cumpre o dever, não por conta de possíveis vantagens, mas por que isso é o que se exige, o homem bom é o que tem suas vontades determinadas pela razão, só assim será autônomo, livre:

[...]quando for a razão que determinar à vontade, haverá uma determinação autônoma, uma determinação do homem por ele mesmo, por algo que lhe é mais próprio. Determinar à vontade pela razão e agir em conformidade por ela é, portanto, um caso de moralidade e autonomia (OLIVEIRA, 2010, p 263).

Para Kant, entretanto, a escolha pela ética nem sempre resulta em felicidade, não garante êxito ou sucesso, supõem tão somente o cumprimento da lei, do que é certo, aqui diferem Kant e Aristóteles já que para o primeiro a ação ética não visa necessariamente um fim, ela mesma (a lei) é sua finalidade, o cumprimento do imperativo categórico, sem hipóteses:

O imperativo categórico é portanto só um, único, que é este: age apenas segundo uma máxima tal que possa ao mesmo tempo querer

que ela se torne lei universal (...) Uma vez que a universalidade da lei segundo a qual certos efeitos se produzem, constitui aquilo a que se chama propriamente natureza no sentido mais lato da palavra (quanto a forma), quem dizer a realidade das coisas, enquanto é determinada por leis universais, o imperativo universal do dever poderia também exprimir-se assim: age como se a máxima da tua ação se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza (KANT, 2006, p.59).

Embora possa parecer arbitrária a ideia de um cumprimento de lei pela lei é importante entender o interesse público muito acima do particular, há algo verdadeiramente ético nesta escolha, nesta decisão racional que permite autonomia. Quando o comportamento humano é compreendido como valor de lei universal em detrimento de qualquer nível egocêntrico de satisfação pessoal e pulsional temos a liberdade em uma decisão ética.

Kant traz o imperativo categórico, uma máxima a ser seguida como lei universal, ações éticas universalmente válidas. Para ética do dever a ação não garante felicidade ou êxito. Não há finalidade maior da ação ética a não ser a própria ação; para Kant pode haver diferença entre a vida boa e a ética, também não deve haver hipóteses ou grandes reflexões quanto o fazer ou não fazer; a escolha ética pode não ser a que trará resultados mais felizes ao sujeito, simplesmente se decide pela ética (ou não).

O imperativo categórico é a máxima da obediência, sem trazer nenhuma hipótese, nenhum interesse pessoal/particular, mas a vontade legisladora reconhecida pela razão que possibilita autonomia ao sujeito.

Para Kant, a ideia da moralidade já existe em todo ser racional, é comum a todos; para ele o homem, ser racional imperfeito, é aquele que participa do mundo sensível e da moral, e vive tanto a autonomia, a liberdade da vontade pura, como os apetites. E mesmo enquanto ser sensível, com inclinações, há possibilidade de agir moralmente, do cumprimento ético das leis universais por sua autonomia da vontade, é um ser livre de condicionamentos:

[...] a compreensão filosófica kantiana a cerca da moralidade torna-se relevante, pois ao mesmo tempo em que apresenta uma lei moral válida universalmente em seu aspecto objetivo também preserva a liberdade do indivíduo no acatamento da lei e na representação dessa a si mesmo (FODERÁRIO, 2010, p.40).

1.7 A EDUCAÇÃO E A ÉTICA DO DEVER

Para que o comportamento do homem não seja determinado por seus desejos, Caldas (2017) lembra, segundo os escritos de Kant, da importância do zelo com a primeira infância, como os primeiros cuidados e o aleitamento, assim como a presença de disciplina, de figuras de autoridade na formação do homem, só assim, com boa educação se evita que as crianças façam mau uso de suas próprias forças e será possível o caminhar para o agir moralmente, para a liberdade.

A educação é imprescindível ao homem, uma educação que desde muito cedo proporciona maturidade, racionalidade e que visa o homem sem vícios, livre das dominações/inclinações animais.

É necessário conter alguns comportamentos da criança, de maneira que bem cedo aprenda a tolerar privações para que, quando adulto, se torne apta ao cumprimento de seus deveres de maneira autônoma, isto é, saiba fazer uso de sua razão.

A formação do homem exige cuidados e educação, disciplina e instrução. A disciplina é a parte da educação que tira do homem a selvageria, que transforma a animalidade em humanidade; já a instrução, parte positiva da educação, o direciona a cultura e a moral:

[...] a educação física é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal[...]a educação prática ou moral (chama-se prático tudo aquilo que diz respeito à liberdade) é aquela que diz respeito a construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre” (KANT, 2006, p. 34-35).

Para Kant, o bem está no homem, mas não está pronto no homem, precisa ser desenvolvido, e o princípio do mal nas disposições naturais não existe, “a única causa do mal consiste em não submeter à natureza as normas. No homem não há germes senão para o bem” (KANT, 2006, p. 22). O processo de submissão às normas, de desenvolvimento da disposição para o bem, de formação moral, deve acontecer desde muito cedo ou, usando os termos de Kant, se enraizarão muitos defeitos e então poriam em vão quaisquer esforços educativos.

A disciplina, segundo Becker (2017), evita que o homem se desvie de seu destino, a humanidade. A educação, o direcionamento do outro, faz com que o

homem se torne aquilo que deve ser, um ser racional. Enquanto criança, o homem ainda não consegue fazer uso de sua razão, precisa de outra pessoa para conduzi-lo à formação do bom caráter.

Através da disciplina o homem deixa um estado de selvageria, de independência de qualquer lei e de impulsividade na busca por seus caprichos. Sem a disciplina é impossível acontecer a instrução, sem que o homem seja educado sobre a contenção das suas próprias forças, sem que seja contido até que o possa fazê-lo sozinho, de maneira autônoma, não poderá adquirir a prudência, a ética.

Sem a formação de um caráter ético, não há o homem civilizado, que pertença a um grupo social, um cidadão de valor público e tudo isso depende da disciplina.

O comportamento ético é a capacidade de usar bem todas as habilidades adquiridas pela instrução, os conhecimentos e habilidades que se dão através da informação, o que sem dúvida o fará permanecer bem em sociedade, participando e integrando/convivendo com seu grupo social de maneira adequada, respeitando os costumes pertinentes a seu lugar e tempo.

Zancanario (2010) analisa, a partir da filosofia Kantiana, a contribuição da educação para a formação do caráter ético do homem, para a formação do ser humano cujos comportamentos se dão pelo imperativo categórico (noção de dever), segundo a lei universal.

[...] a compreensão filosófica Kantiana acerca da moralidade, torna-se relevante, pois, ao mesmo tempo que apresenta uma lei moral válida universalmente em seu aspecto objetivo, também preserva a subjetividade livre o indivíduo, no acatamento da lei e na representação desta a si mesmo. (ZANCANARIO, 2010, p.40).

Como dito, o sujeito é autônomo quando decide, através da liberdade que o uso da razão lhe proporciona, se comportar conforme uma máxima, uma lei universal, isto é, o imperativo categórico, regras de ação.

A educação tornará o ser humano um homem livre. Há na educação dois aspectos indispensáveis: a disciplina, que ensina o homem a controlar seus instintos e a instrução que lhe oferece o conhecimento, cultura e prudência; é importante se levar em conta questões físicas e práticas do ser humano, a disciplina, oferece os cuidados com o corpo e a instrução, também chamada de educação moral, se

preocupa com a formação do caráter para que o sujeito possa viver como um ser livre, todo esse processo de formação não atua espontaneamente, precisa ser ensinado, precisa de treino.

Quando esta educação instrui a criança a submeter-se a deveres morais, ela solidifica o caráter da criança e com isso preserva sua dignidade e dos demais. Não se trata de méritos, a ética de Kant entende que se decide por um comportamento e não por outro para o cumprimento de um dever, por respeito à lei moral.

É da educação que depende o bom uso da razão e a plena consciência a respeito da lei moral. Formando sujeitos autônomos há mais chances de uma sociedade mais humana e mais digna.

O pensar é para Kant uma etapa da educação diretamente ligada à formação moral; através das reflexões sobre as experiências e da construção da sabedoria, surge o princípio que oferece ao sujeito a possibilidade de pensar sobre si, de buscar autonomia, é quando o homem consegue abdicar dos conhecimentos recebidos por outros, para conquistar o seu. Isso tudo apenas pela educação, pela disciplina e pela instrução, assim dominará seus instintos e se comportará conforme a lei.

Uma educação de construção de hábitos dos cuidados mais básicos (físicos) com o corpo e de formação do caráter conduz o homem à moralidade e à cultura. Para Kant “a razão não atua espontaneamente, necessitando exercícios e ensinamentos para progredir de um grau de inteligência para outro” (ZANCANARIO, 2010, p. 41).

A educação que vai se aperfeiçoando conforme as gerações e que cada vez melhor vai solidificando o caráter moral das crianças, na instrução dos deveres e no agir de acordo com a lei moral e não com os sentimentos.

A educação deve ensinar o sujeito a tornar-se moralmente autônomo, a agir por si, cumprindo a lei independentemente do contexto, através da razão; ela (a educação) é de fundamental importância para formação do caráter, dela dependerá o estabelecimento dos bons princípios.

Razão é a faculdade do homem a qual estão subordinadas todas as suas outras faculdades, é por esta faculdade natural que é possível ao homem formar-se um ser moral; o homem tem naturalmente a disposição para se tornar um sujeito ético através da educação, um processo histórico no qual, segundo Becker (2017) o homem se forma conduzido por sua própria natureza.

Na infância, ainda um sujeito heterônomo, o homem é dependente dos outros nos mínimos cuidados, deve ser disciplinado e instruído; depois em uma segunda etapa ele adquire responsabilidades sobre a sua própria formação.

A educação é o que torna tudo isso possível e dá ao homem características verdadeiramente humanas, permite que extraia de si mesmo, qualidades naturais à humanidade; permite o desenvolvimento de suas potencialidades, de suas disposições.

Para Crocolli (2011, p. 195) a autonomia moral é “a capacidade de dar-se a própria lei no sentido universal, distante de determinações sensíveis; assim as leis, a razão, não são lesadas pela força das inclinações e apetites” é o sujeito livre para agir de acordo com a sua vontade e não dominado por suas inclinações apetitivas.

A razão necessita de treinamento, de ensino, do progressivo esclarecimento, a formação humana necessita da educação, o desenvolvimento de cidadãos cosmopolitas, com autonomia moral, cientes dos deveres e livres para decidir por si, isso só se dá pela orientação.

O agir autônomo, na ética do dever não é sem compromisso com o coletivo, ao contrário, diz respeito ao submeter de suas inclinações apetitivas à vontade racional.

Um tema já discutido esse da ética, das contribuições da educação na formação do caráter ético, ainda se faz necessário hoje, na contemporaneidade. Falar de valores absolutos, do dever pelo dever, sem outras finalidades, sem méritos, sem resultar em louvor pode parecer um grande desafio, e mais, afirmar que a educação tem a função de solidificar o caráter moral e pensar a formação ética na escola pode colocar um pesquisador e profissional da educação um tanto angustiado e a se questionar: como ensinar ética na escola? Que práticas? Com que recursos?

1.8 DIFERENÇAS

As duas noções de ética, do dever e da virtude entendem o uso da razão humana para que os interesses (desejos/paixões) sejam submetidos ao bem coletivo.

Tanto para Aristóteles quanto para Kant o homem é destinado e inclinado às escolhas, há nele uma potencialidade que, se orientada, educada, leva às decisões morais:

Como vertentes divergentes dentro da teoria moral, a ética do dever e a ética da virtude partilham estas quatro tarefas:

- Compreender a moralidade;
- Prescrever normas;
- Justificar essas normas;
- Descrever como elas cabem em nossas vidas.

Mas elas divergem na maneira como satisfazem essas tarefas, e também na ênfase que colocam sobre elas. (HOOFT, 2013, p. 11)

Entretanto, a noção de virtude, a ética da virtude, diverge da ética de Kant, da noção de ética do dever, quanto à questão da finalidade. Para Oliveira (2010), na ética do dever kantiana, as ações moralmente válidas são as realizadas pelo dever, não porque trarão vantagens, mas simplesmente porque é isso que o dever exige, aqui, ao invés da ética teleológica, que visa um fim, uma finalidade, temos a ética deontológica.

Para ética de Kant, as ações/decisões morais não se dão para um fim absoluto, mas pelo simples cumprimento do dever.

É a ética em que a vontade do homem está entre a lei (razão) e as suas inclinações (desejos sensíveis). A lei vale para todos os homens racionais, é um imperativo que os comanda categoricamente:

Kant tem uma concepção de pessoa humana de acordo com a qual o homem é um ser que participa de dois mundos, um mundo sensível em que somos movidos por inclinações, desejos e interesse, e um mundo racional, graças ao qual podemos ser movidos pela razão. É só quando nossa vontade é determinada pela razão que seremos seres com valor moral. (OLIVEIRA, 2010, p. 262)

Kant (2006) considera a natureza sensível (desejos) externos ao homem em sua natureza mais elevada, em sua autonomia, entretanto quando a razão determina sua vontade ele vive o que lhe é próprio, vive autônoma e moralmente pela liberdade. Processo este que pode em nada ter a ver com a vida boa, simplesmente com o cumprimento do dever, não há aqui qualquer interesse imediato, há nas restrições das inclinações, o cumprimento da lei racional pelo dever de fazê-lo; o sentido, o fim é a própria lei.

Pode ser que haja na sociedade contemporânea um grande desafio em se viver a ética do dever, já que a todo tempo parece que o homem busca por um sentido de vida e críticas na lei pela lei, na lei que se impera categoricamente, além disso, a moralidade hoje ligada fortemente a questões da subjetividade faz difícil a aceitação de valores e normas absolutas, universais.

Os princípios morais imparciais, não levam em conta aspectos sócios históricos, não consideram a natureza do ser humano, as deixam em segundo plano, e esse projeto fracassou, o que:

Refletiu num sujeito moral que não possui mais liberdade e autoridade moral sobre seu agir, já que não possui critérios e regras racionais para suas ações e nem um fim último para o qual possa se direcionar, um sujeito moral que muitas vezes faz uso de crenças que surgiram deste projeto iluminista apenas para defender seus desejos e vontades. Enfrentando problemas morais desconexos de significado a seu comportamento moral. (FONTENELE, 2010, p. 51)

A princípio parece que a Filosofia Antiga de Aristóteles está mais acessível à modernidade do que a de Kant, em um momento em que valores morais se tornam cada vez mais relativos e particulares. Neste contexto é importante cada vez mais pensar na contribuição da educação à formação do caráter, não sobre os métodos educacionais mas sobre a sua finalidade, nos porquês da educação.

Marques (2017) faz algumas críticas sobre a ética deontológica:

Para Ascombe a virtude só faz sentido quando preenche necessidades humanas. A ideia de agir não para satisfazer um desejo, uma necessidade ou um erro do indivíduo, mas porque é eticamente correto fazê-lo, deixou de ter sentido nos dias de hoje. E tem menos sentido quanto mais pluralista e multiculturais são as sociedades (MARQUES, 2017, p. 5)

Ao pensar o caminho percorrido pelo estudo da virtude e do comportamento ético é possível que haja hoje um retorno à noção de virtude que foi utilizada pelo pensamento filosófico clássico de Aristóteles em detrimento da ética centrada na noção de dever, com princípios racionais universais, de uma lei imparcial e universal, baseada no pensamento moral moderno e iluminista de Kant. A escolha pela escolha não é tranquilamente aceitável hoje, o dever pelo dever

O exercício das virtudes exige discernimento, a capacidade e julgar e fazer certo, no lugar certo, na hora certa e da maneira certa. O exercício de tal juízo não é uma aplicação de normas passíveis de se transformar em rotina. [...] o juízo tem um papel indispensável na vida do homem virtuoso, que não tem e não pode ter, por exemplo na vida da pessoa comum meramente obediente às leis ou às normas. (MACINTYRE, 2001, p. 255- 262)

A ética deontológica que busca fundar a moralidade na noção de dever e de obrigação moral, do certo e errado pode dar lugar na contemporaneidade à ética das virtudes que pode estar sendo reapropriada; pode estar havendo uma retomada da ética teleológica e segundo Gonçalves (2012, p. 83) “pode estar sendo resgatado o conceito de tradição como pesquisa racional, e pensado o homem a partir do reconhecimento de sua condição animal e de sua vulnerabilidade e dependência”. A autora, orientada por leituras de McIntyre (1981, 1988, 1990,1995) relata que o debate moral de Kant pode estar “marcado por um posicionamento racional” (p.84) o que pode impedir a coerência entre teoria e práticas morais no tempo presente.

Para que haja coerência entre teoria e prática a racionalidade pressuposta pela ética das virtudes de Aristóteles se faz importante, já que a filosofia moral moderna de Kant concorre em erros fundamentais, e:

Ignora a relação de dependência entre raciocínios sobre moralidade e justiça e as práticas dos grupos sociais e das tradições, estabelece um divórcio entre fatos e valores delimitando os primeiros como possuindo caráter objetivos, podendo ser julgados como verdadeiros ou falsos e por sua vez compreendendo os segundo como tendo caráter subjetivos, estando assim, carentes de avaliação racional; fragmente e dissolve o sujeito moral em diferentes papéis e estabelece uma cisão entre a vida pública e a vida privada por meio da oposição entre o bem do indivíduo e o bem público de uma comunidade (GONÇALVES, 2012, p. 84).

Por outro lado, a autora destaca que a ética da virtude favorece a fundamentação e inteligibilidade, para ela,

O vínculo entre virtude e estrutura social (sociedade heroica); o conflito como centro da vida humana e está vista como uma unidade narrativa (poetas e teatrólogos de Atenas); o esquema teleológico das virtudes e vínculo com a polis, o conceito de prática, o caráter do raciocínio prático e a superioridade da virtude sobre as regras (Aristóteles); e, por último, o componente histórico da vida humana, vista como um todo (período medieval) (GONÇALVES, 2012, p. 84).

A contemporaneidade atenuou os elementos mais rígidos da ética do dever, questiona-se o saber moral teórico incoerente com a prática ou uma prática que não faça sentido, irrefletida e valoriza-se o deliberar do homem prudente, aquele que decide bem quais serão suas ações particularmente em cada situação e nas mais diversas situações, a vida racional.

2 CAPÍTULO II : A NOÇÃO DE FORMAÇÃO

Neste capítulo, são retomados termos da Filosofia Clássica sobre a formação (*Paideia*), discussão fundamental para buscar respostas às questões que envolvem todo o trabalho, especialmente sobre as possibilidades de ensino da ética. Sócrates e Platão colaboram para problematização e esclarecimentos sobre as práticas e desafios da formação da humanidade justa

2.1 PAIDEIA

Não há educação sem diálogos, portanto, toda reflexão sobre as práticas da escola de hoje ainda nos remetem a noção de *Paideia*. Todo caminho vivido por Platão, também apresentado por Pagni em seu texto “A Filosofia da Educação Platônica: o desejo de sabedoria e a *Paideia* justa” (2017) nos leva à compreensão de um caminho ainda percorrido, em meio a mudanças e em transição. Um modelo sofista, em que a transmissão de conhecimentos acontecia pela retórica, através do bom uso da oratória para o convencimento da verdade pregada (dos mitos) ao modelo platônico dos questionamentos, momento em que as consistências destas verdades são checadas.

A experiência de Platão (427 a.C. – 347 a.C.) como um questionador da forma de transmissão do conhecimento parece bem atual. Tantos séculos mais tarde talvez ainda se vivam semelhantes dificuldades e a busca das melhores práticas, dos métodos mais adequados à educação de qualidade. Como se vê, a educação e as questões do conhecimento são de tanta complexidade que ainda hoje não se tem respostas absolutas, provavelmente por que isso (a busca, o questionamento, a reflexão) seja a própria educação, em especial, as questões éticas e políticas que a envolvem.

A reflexão sobre a necessidade de novas práticas e com isso as possíveis rupturas no modelo de educação até hoje vivenciado, ainda causam muito mal-estar, Platão apresentou as experiências de Sócrates e um outro jeito de fazer educação. E vai além, conforme apresenta Carvalho (2016), pois aprofunda a dimensão política, a partir de então, o grande objetivo da formação, da *Paideia*, é o sujeito justo, o cidadão, a finalidade não é mais o exercício do poder, agora “[...] a política é a verdadeira *Paideia*, definidora da *areté*, da virtude, da excelência moral”.

Diferentemente dos sofistas apresentados como os professores da virtude: “Sócrates não se coloca na posição de professor que ensina um conhecimento pronto e acabado, o que ele faz é indagar, introduzir o diálogo como forma de se buscar a verdade” (PAGNI, 2017, p. 3).

Os sofistas utilizavam a retórica para transmitir as verdades necessárias para a formação do homem virtuoso, já Sócrates, usava o diálogo, o questionamento, a indagação, a maiêutica, para gerar reflexão através do uso da razão, assim, oferecia a possibilidade de cada sujeito participante do diálogo descobrir suas próprias verdades, seus próprios conceitos.

Essa nova *Paideia* só pode acontecer em um processo de relação com o outro, de diálogo. Há um chamado à reflexão que leva ao mundo interno, sua meta é a formação da alma. A partir do conhecimento de si, do autodomínio, é possível alcançar harmonia com o externo, com a *polis* e a *eudemonia*. A *areté* buscada pela Paideia socrática é a emancipação da razão, é o domínio do instinto pelo racional, o autodomínio.

Fica, então, evidente, com o desenvolvimento desta ainda breve pesquisa, que filosofia, educação e formação do homem sempre estiveram juntas, estão essenciais umas as outras. Ao analisá-las separadamente corre-se o risco de desfragmentá-las a ponto de empobrecê-las.

Platão questiona o que é justiça e se preocupa com as dificuldades em realizar a verdadeira *Paideia*, seus desafios éticos e políticos. Para ele, o ideal de cidadão justo, virtuoso, e da cidade justa, só seriam possíveis se cada um desenvolvesse bem suas funções conforme suas capacidades e as necessidades da *polis*.

A busca por desenvolver as faculdades essenciais é a condição para que o homem ocupe bem suas funções e este desenvolvimento só se dá pela alma (*psyché*):

Em “A República”, Platão explica a teoria da alma (*psyché*), na qual essa pedagogia se fundamenta, e o ideal do homem a ser almejado por ela. Por esse ideal ele procura transcender seus limites psicológicos desta teoria da alma e fornecer as bases para uma ética a ser perseguida pela educação e pela filosofia. Em suma, essa ética consiste em dominar a alma apetitiva ou concupiscente pela razão. Essa seria uma forma de tornar moderado os apetites e os desejos provenientes do corpo e de adquirir uma virtude denominada de temperança (*sophrosýne*). Dominar a alma irascível ou colérica pela

razão, para a distinção do que seria bom ou mal para o corpo por sua vez é imprescindível para o desenvolvimento de outras duas virtudes denominadas de coragem (*thimós*) ou prudência (*phrónesis*). O não submetimento da alma racional às suas esferas inferiores seria, assim, uma condição para que o homem se tornasse virtuoso e sua virtude fosse um conhecimento de si. (PAGNI, 2017, p.6).

Conforme dito, o desenvolvimento de cada uma destas virtudes contribui para o estado justo, este ideal se faria, segundo Platão, através da Paideia, de uma educação que forma o *logos*, de uma educação cujo objetivo seria o desenvolvimento da justiça, de uma alma sã e longe da arbitrariedade, que fala da liberdade.

Sobre a forma com que todo este processo se faria:

Ele denomina esse caminho de dialética e o entende como um processo de ascensão do conhecimento do mundo sensível, onde esse se processa apenas como opinião (*doxa*) para o mundo inteligível, local em que se alcança o conhecimento da ciência (*epistémé*). Entende por dialética ainda o produto do pensamento que, pela intuição intelectual, contempla as ideias verdadeiras e, entre elas a ideia de sumo bem, por meio da qual, o sábio filósofo e o Estado deveriam orientar sua conduta respectivamente ética e política. Enquanto processo, a dialética consiste na negação daquilo que o homem representa com mera opinião, porque, proveniente das imagens e dos sentidos, almejando um nível de conhecimento superior que, somente poderia ser encontrado no mundo inteligível, no conhecimento matemático e posteriormente, na contemplação das ideias (PAGNI, 2017, p.8).

A *Paideia* justa, portanto, é aquela que levaria à liberdade, a um estado de sabedoria, ao domínio de suas paixões, há, portanto, um processo de formação interior, uma superação das demandas do corpo. Trata-se de um processo incômodo, em que a luz pode, por algum momento cegar, como analogia à Alegoria da Caverna. Não se fica indiferente ao conhecimento, à liberdade e à luz, ao redirecionamento do olhar para o bem.

Entretanto, nem todos os jovens estariam aptos para tantos ensinamentos e o desenvolvimento de tais virtudes, para um programa educativo de princípios racionais, lógicos e reflexivos, com uma visão integral do homem para o desenvolvimento ético e da *polis*. Aqueles que alcançassem o ideal, portanto, estariam prontos para educar e governar, a formar o caráter humano. Estes mestres-filósofos eram tidos como representantes do divino na terra.

2.2 O CARÁTER

Um dos questionamentos que o presente trabalho traz até aqui é: será possível neste ou em qualquer outro tempo a formação do homem virtuoso na escola?

Ao mínimo, entende-se que tal formação não pode caber apenas em recursos ou práticas pedagógicas, não é a busca pelo melhor método que se pretende, mas experiências que percebam e permitam a pluralidade, as diferenças.

Esta permanente busca, este constante processo de formação que, segundo Carvalho (2016), envolve o “sei que nada sei”, o conhecimento e a ética, são inerentes também à escola. Para tratar da formação do outro, toca-se também nas possibilidades de si mesmo, estudar a formação do caráter do aluno é tocar a construção da escola, de todos os seus atores, das pessoas envolvidas e de suas questões mais diversas.

As pessoas que fazem parte da escola emitem juízos sobre ações uns dos outros; educadores, alunos, família e a gestão da escolar estão em constante contato com as condições morais, são tocadas pelo modo como percebem as manifestações das pessoas em seu entorno; sobre o caráter:

[...] faz sentido pensar nele como mais do que apenas um resumo daquilo que caracteristicamente fazemos. Ele é criado pela nossa formação e pelos nossos próprios esforços de autoformação com base em predisposições naturais que adquiridos geneticamente e vem a expressar-se em muito do que fazemos (HOOFT, 2013, p.25).

Marques (2017. p. 6) define caráter. Para ele:

caráter não é o mesmo que personalidade, embora entregue este conceito. Quando falamos em caráter de uma pessoa estamos a referir-nos a traços mais ou menos fixos, muitas vezes condicionados geneticamente e que muito dificilmente podem ser alterados.

Para cada tipo de caráter se espera um tipo de atitude, mas se nos propusermos a pensar e fazer educação ética, é importante lembrar o fato de que o

caráter não é inteiramente fixado por condicionantes genéticos ou quaisquer outros, do contrário seria inútil a educação e de nada valeria a reflexão sobre modos de promover o contínuo desenvolvimento moral.

E um dos desafios está no fato de que, enquanto a educação busca excelência em seu caminho, também intenciona formar, isto é, ao mesmo tempo em que reflete sobre si, constrói o outro; e não há como parar este processo, que além de tão complexos se fazem concomitantemente. São processos vivos, permeados de um contexto sócio histórico que traz consigo suas particularidades e influências.

Eis mais um fator que pode ser classificado como um desafio, a saber, as influências do tempo vivido. Hoje, inseridos em um tempo em que se espera da escola a formação para o mercado, com competências e habilidades que possibilitem a formação do aluno apto ao trabalho ou, aos mais seletivos vestibulares, que se coloquem bem nos *rankings*, que lugar e espaço há para formação do caráter, para o desenvolvimento das virtudes? Como oferecer experiências de exercício das virtudes que resultem na formação de sujeitos éticos quando o interesse, reconhecimento, a valorização e o mérito estão no saber-fazer tecnológico/instrumentalista? Muitas vezes em resultados que se possam mensurar, quantificar.

Por vezes em um saber que não traz mudanças, um conhecimento que não transforma e que não faz refletir. Em Carvalho (2016, p. 217):

[...] uma concepção de cultura, de ciência e de educação que se funda num mecanismo e num processo de instrumentalização, impedindo-nos de nos relacionarmos com o conhecimento, com os valores e com as paixões e guiar a nossa existência de maneira singular e finita.

Sem dúvida é preciso uma ruptura, de modo que o conhecimento faça sentido. Não apenas uma verdade dada, mas uma que contribua para transformar a vida das pessoas e suas relações.

Conforme Gonçalves (2012) é necessariamente pela contribuição do outro e das relações de cuidado da vida toda, que um ser humano, em sua condição animal pode se formar um raciocinador prático e independente, um homem em condições de desenvolver a capacidade de reflexões e de análises.

Um caráter bem formado pode julgar o ideal a fazer em cada situação, além das regras universais leva em consideração o contexto específico, há em suas

reflexões sensibilidade às circunstâncias específicas, leva em conta particularidades e com isso assume responsabilidades, posição possível pela maturidade alcançada. Já em cada decisão estão presentes riscos, há comprometimento.

A formação do caráter virtuoso, assim como tantas outras aprendizagens, se dá através das relações; está fundamentado no contexto social, nas vivências em uma comunidade moral, ali, o que foi aprendido, os traços de caráter admirados e aspectos relativos à cultura, contribuirão para formação tanto pela instrução ao sujeito apresentada como pela prática.

2.3 AS RELAÇÕES HUMANAS

Fica clara a riqueza, a complexidade e a singularidade de homem, sua necessidade fantástica de relacionar-se. Entretanto, vive-se uma escola para os resultados precisos, a escola dos projetos planejados, das metas; tantos números sem significados práticos e verdadeiros, sem relação com a formação autêntica de ser humano (professor ou aluno), situação que entristece, pois que análise pode haver de um projeto que apresente seus resultados, seus números, ilegítimos? Não há como pensar sobre ele, impossível a reflexão de seus pontos fortes ou fracos, incabível é a reflexão sobre dados maquiados, que nada significam e falam sobre o modo genuíno de como as experiências se deram.

Somos autores e atores de uma narração que se esbarra com as dos outros, de modo que, cada personagem principal de sua própria história, tem também um papel, ainda que secundário, na história dos outros [...] é impossível ser si mesmo sem dever nada a ninguém. (NOVAES, 2009, p. 94)

Há muito que fazer pela escola, especialmente, na própria escola, talvez seja ela o melhor campo para semear, lugar para inúmeras possibilidades de relações com o diferente, onde se apresentam momentos de construção.

O trabalho não ignora a necessidade dos registros pela escola, não despreza a evidência dos resultados quantificados sobre os trabalhos de uma instituição, uma organização também envolvida com questões burocráticas e financeiras; reconhece o valor que há na intenção de preparar o aluno com o desenvolvimento de competências e habilidades para a vida do trabalho em suas mais diversas

atividades, especialmente para o período pós-escola, da vida adulta. Entretanto, se o processo educacional se resume ao apresentado, evidente que não basta à formação do homem virtuoso, autônomo, com responsabilidades sobre suas ações; se o foco da totalidade do processo estiver na transmissão de conhecimentos vazios para existência, aqueles cujo contato não conduz a qualquer reflexão, sem trocas e que em nada convidam às mudanças internas, a escola passa a ser lugar de escolarização, de instrução, claro, isso é muito pouco, é insuficiente. (OLIVEIRA, 2001).

Para a educação, a verdadeira educação, não cabe somente a instrução, o puro apresentar dos conteúdos. Se o objetivo é o preparo para a vida social, para as boas relações, se o desejo é a formação de sujeitos justos, de comportamentos responsáveis, é necessário que na escola, haja oportunidade de experiências de modo que isso se torne possível:

[...] acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade da própria formação. Esta é uma das condições para que ele se construa como sujeito livre e independente daqueles que estão o gerando como ser humano. A Educação possibilita a cada indivíduo que adquira a capacidade de auto conduzir o seu próprio processo formativo (OLIVEIRA, 2001, p. 241).

A escola deve ser um espaço legítimo na comunidade moderna para a educação e não apenas para escolarização, mas, sobretudo, na função de formação humana, na formação do sujeito ético, em sua tarefa fundamental, a de formar para a vida social.

Os discursos no ambiente escolar sobre processo de formação do homem ético, do cidadão participativo socialmente, por vezes beira o senso comum, são termos usados em documentos ou discursos, mas pouco vividos, em um enfraquecimento do bom entendimento das palavras "educação", "ética" e "virtude".

Segundo Oliveira (2011, p. 235), a ação educativa:

[...] é um processo regular, desenvolvido em todas as sociedades humanas, que tem por objetivo preparar os indivíduos em crescimentos (crianças e adolescentes) para assumirem papéis relacionados a vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades

disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realizarem.

A formação dos sujeitos de modo que se apresentem bem em seus papéis na vida coletiva é o objetivo maior da educação, já que ao nascer, o homem não se encontra pronto e sozinho, sem a educação, não se torna humano, moral nem culturalmente. É necessário (trans) formar um ser biológico em um ser que vai além do biológico.

O processo de educação é imposto, é externo ao ser, mas não fica só no externo. Não há como separar as partes do todo, que é o homem. A educação com excelência entende o ser humano em sua totalidade, respeitando sua admirável complexidade, sua integralidade. A plenitude desta formação não cabe a uma só pessoa ou instituição, é tarefa e responsabilidade de todos, mas a escola se mostra um campo para essa formação, pois pode oferecer muitas oportunidades de participação, cooperação, e de relacionamento com o diferente.

É um processo lento e repleto de complexidades, que leva o homem natural, biológico a tornar-se humano, um processo de formação oferecido pela educação.

A educação na escola deve oportunizar ao aluno situações de contato e reflexão sobre seu mundo, sobre si mesmo também sobre suas vontades.

O educar integralmente se refere também à formação ética e moral, a formação do homem virtuoso, de modo que seja capaz de uma vida social adequada, como sujeitos responsáveis e felizes, que saibam fazer escolhas.

A educação deve formar o sujeito autônomo:

Capaz e estabelecer relações de equilíbrio racional entre suas emoções e paixões. Igualmente, ao se tornar capaz de assumir responsabilidade pelo próprio corpo e as relações equilibradas com o mundo natural. E, acima de tudo, quando determinar e escolher livremente os meios e os objetivos de seu crescimento intelectual e as formas de inserção no mundo social (OLIVEIRA, 2001, p. 250).

Para tanto, não se pode excluir nenhum aspecto da condição humana, é necessário trabalhar paixões, pulsões, os desejos do corpo, o intelectual, o racional, enfim, o todo humano. A escola deve oportunizar condições, espaços e lugares, vivências e reflexões sobre os mais diversos aspectos da condição humana. Logo, o arbitrário não cabe e também não se fala em libertinagem, mas, um meio termo que

possibilite o surgir, o manifestar das diversas identidades e que transmita segurança, algum nível de contenção necessária e o apoio, o acolhimento que lhe são importantes; um justo meio em que figuras, exemplos e virtuosidade, atores éticos, possam surgir.

Experiências saudáveis de relações entre as pessoas devem acontecer também na escola. Em alguns casos, por conta dos mais diversos fatores vividos, as primeiras experiências com presença de liberdade, justiça, tolerância ou qualquer virtude que leve ao desenvolvimento do homem ético em um ambiente democrático acontece na escola, ao menos deveria ser assim.

Um meio (ideal) em que todos possam ter voz sem a exigência de que o outro viva igual, apresente as mesmas verdades, ideias ou atitudes, lugar em que se expõe os diferentes modos de vida, os diferentes códigos e que possa levar o outro a enxergar diferentes formas de viver, que permita outros olhares, sem arbitrariedade. É o exercício da liberdade de ser e a liberdade de olhar de cada um; a possibilidade de dizer de modo franco o que se é assumir, se expor, sem o discurso descolado do modo de vida. A escola deve buscar condições para que as diferenças se aproximem, possibilidades de encontros proporcionados pela própria vida.

A escola, ainda segundo Biesta (2013) deve assegurar que estudantes encontrem espaços para sua voz e se relacionem com o diferente, experiências, que mesmo de conflitos, levem à maturidade.

[...] nós como professores e educadores, devemos estar cientes de que rompe a operação tranquila da comunidade racional não é necessariamente um distúrbio do processo educacional, poderia até ser o ponto em que os estudantes começam a encontrar sua própria voz responsiva e responsável (BIESTA, 2013, p. 98).

Os pais já não veem a escola como educadores de seus filhos; mas como um mercado, são consumidores, há um produto que escola deve entregar, uma visão da escola como instrumento que deve reproduzir objetos, entretanto para formação ética da humanidade não são suficientes as técnicas, uma vez que ela se dá pelas relações sem seguir rigor metodológico.

[...] qualquer tentativa de transformar a educação em uma técnica, qualquer tentativa de concebê-la em termos de instrumentalidade,

representa uma ameaça a própria possibilidade de tornar-se alguém por meio da educação... transformar a educação numa técnica requer a eliminação da pluralidade, diversidade e diferença. Requer uma eliminação, em outras palavras, do que torna a educação difícil (BIESTA, 2013, p.127).

As condições ou atitudes nas quais a ética se apresenta na escola são aquelas em que responsabilidade como diferente e o plural são mais importantes do que o conhecimento, é quando o humano recebe mais atenção do que o tecnológico. O mundo contemporâneo ameaça atitudes éticas na escola, ele reproduz um sujeito, um consumidor, internaliza nas pessoas uma posição padronizada, ameaça diferentes maneiras de ser e diferentes modos de vida. Ao contrário dessa posição, a responsabilidade da escola é a educação ética, a condução para a formação de identidades que convivam e se relacionem bem.

A maneira de educar para a ética, de auxiliar na formação virtuosa é por meio da participação na vida, o que não se limita aos muros da escola, mas é este um lugar importante. Só a experiência desenvolve o caráter virtuoso, formamos hábitos e pensamentos reflexivos no ambiente social, é através da interação que somos formados e transformados.

Experiências que formam pessoas éticas acontecem também na rua, em casa, na internet e nas redes sociais, de fato de não se limitam à escola, quando a escola é vista como instrumento de produção, fabricação de produtos, com uma concepção instrumentalista ou como aquela capaz de arcar com toda a responsabilidade da formação. Há sobrecarga de seus profissionais, estes se sentem fracassados em uma missão irreal, outro erro levado por essa visão está no fato de que:

[...] os esforços educacionais se concentram em equiparar os indivíduos com o conjunto de conhecimento, habilidades e das disposições democráticas, sem formular perguntas sobre as relações com os outros e sobre o contexto social e produtivo em que aprendem e agem (BIESTA, 2013, p.158).

Biesta (2013) coloca algumas exigências à escola para a formação humana, como um ambiente em que o sujeito possa ter iniciativas, não exclusivamente voltada ao currículo escolar e em sua reprodução, mas que lhe permita respostas próprias, únicas, sem condenações, como inclusão das questões do seu mundo e

contexto, que sejam expostas as diferenças e que haja interesse do educador pelo que o estudante pensa e sente, despertando reflexões sobre as suas ações.

Segundo Gélamo (2010), a ideia sobre o que somos tem sido associada ao saber, reduzindo a função da escola, com isso o papel do professor tem se limitado ao método de ensinar bem, do bem explicar, do fazer conhecer o já reproduzido, a argumentação e a repetição; distanciando-se de questões voltadas à reflexão e a formação humana, fica empobrecida, limitada, longe de dimensões éticas. É possível à escola um ambiente cujas experiências contribuam para o pensar sobre a vida, sobre as escolhas e mesmo assim aperfeiçoar a transmissão e construção do conhecimento; este é o ideal, e que deve ser a busca, um exercício que traz consigo reais dificuldades, já que a escola também vive uma crise de subjetividade. Lazzarato (2014, p. 53) aponta que: "um mundo maquinocêntrico, que impede a exposição dos discursos e processos de subjetivação autênticos, singulares, heterogêneos, meio este que não oferece a possibilidade de mudança".

A escola se propõe a trabalhar, a agir, a estudar processos, a umas práxis, estando em movimento; a reflexão sobre o que se está vivendo, sentindo, experienciando; o refletir sobre as práticas da escola enquanto o fazer se dá, sobre o meio, estando nele inserido; a pensar sobre as melhores formas de relação na escola, vivendo as experiências como atores desses encontros. Assim, propomos compreender a formação humana estando ainda caminhando, ainda em formação, um desafio e ao mesmo tempo a via necessária para a escola hoje.

2.4 A (TRANS) FORMAÇÃO: DO BIO AO SOCIAL

Segundo Oliveira (2001), a formação diz respeito a oferecer meios externos para o desenvolvimento das capacidades do sujeito tanto intelectuais como afetivas, psíquicas e morais, virtuosas até ao ponto em que muito mais seja a autonomia do que dependência, em que se alcance a maturidade e que se forme o ser social. É preciso um acolhimento externo; são características ou competências que não lhes são dadas no nascimento, naturalmente ou biologicamente.

Se diz da educação que ela é uma totalidade pois sua ação formativa abarca tanto a dimensão física quanto a intelectual, tanto o crescimento da competência de cada educando par ase auto

governar quanto a formação moral que o leva a um adequado relacionamento com outros homens (OLIVEIRA, 2001, p. 242).

O homem, diferente de muitos outros seres da natureza, não nasce formado, a maturidade necessária vai além das condições que a natureza e seus instintos podem oferecer. O homem será (trans) formado, é um devir, um projeto repleto de potencialidades que irão existir verdadeiramente apenas com o processo de educação, de formação que só é possível na vida social.

O ser humano é vulnerável e dependente, em maior intensidade em algumas fases da vida, e necessita incondicionalmente de outros para aprender, para se formar virtuoso. Ele depende da comunidade, necessita das relações com os outros.

A experiência da virtude precisa das relações para ser efetivada, sem educadores virtuosos não seria possível cuidar e educar outros de modo a exercitar sua capacidade de raciocínio, sem a virtude não seria possível. Sem a virtude Gonçalves (2012, p. 89) afirma que: “[...] não seria possível proteger os outros e a nós mesmos de negligências, falta de compaixão, estupidez, cobiça e malícia”.

De extrema importância é entender que, para formação das pessoas, cabe compreender sua totalidade, sem separar as partes do todo, educar o intelecto e direcionar também os sentidos, os olhares, aquilo que é relevante ao homem social para que o homem faça seu o que em primeiro momento lhe é externo, e do outro como as ações éticas, a virtude.

Esse processo, o da formação do ser humano, em que há mudança de um ser humano natural para um ser humano social, não pode ser compreendido apenas pela filosofia da educação, nem a psicologia, nem a medicina, nenhuma ciência sozinha pode, é necessário emprestar saberes, é necessária a consciência de que nenhum homem nem ciência terá competência para saber tudo e de que este limite pode ser estendido se a comunicação acontecer de maneira cooperativa e sem resistências, quanto mais isso é feito, mais há essa compreensão do homem em sua completude melhor poderemos acertar em sua formação:

A Ação Educativa, enquanto Ação Formativa é uma atividade extremamente complexa e de alta responsabilidade. Segue um percurso não espontâneo e casual e, em suas formas mais complexas e elevadas, deve ser conduzido por pessoas qualificadas para exercer e Educar (OLIVEIRA, 2001, p. 244).

Este processo não cabe a um indivíduo somente, nem mesmo a responsabilidade de uma instituição isoladamente poderia dar conta. É social e se relacionam os mais diferentes aspectos da vida, o cultural, o social, o político, o que é individual e o que é coletivo, tudo isso vai formando e sendo formado pelo ser humano, é um mundo construído. Então, “além de herdeiros, os novos sujeitos humanos precisam desenvolver meios próprios para participarem na conservação e na transformação do mundo humano” (OLIVEIRA, 2001, p.248).

Há muito para se fazer quando se refere à formação do homem, é a apresentação e o reconhecimento do mundo; a disciplina da vontade, de seus impulsos naturais; a aquisição dos conhecimentos e habilidade e o desenvolvimento ético e moral, questões que envolvem o corpo e o espírito, o biológico e o social, somente assim se pode considerar completa a educação.

A maior evidência de uma educação em sua completude é o fato de perceber o homem em sua maturidade, responsável por sua vida e também pelo bem-estar dos outros e capaz de buscar por sua felicidade.

A completa formação está no homem que se torna condutor de sua própria formação, independente; que faz escolhas responsáveis. Tudo isso é o que educadores que atingiram sua maturidade devem entender como a diretriz mais básica da educação, o ápice do seu trabalho, ele deve educar para autonomia, sem apegos ou resistências, deve formar para liberdade, para emancipação física, intelectual e da vontade (moral), para o equilíbrio entre sua racionalidade e paixões, enfim, para virtude.

A educação abre possibilidades, permite o surgimento de potencialidades, apresenta e insiste em hábitos adequados, moderados. A ação educativa constrói o ser humano capaz de estabelecer juízos de valor, de refletir, capaz de vida social participativa, tolerante, cooperativa e justa, a formação humana necessita ser uma formação ética, do contrário, será muito rasa, incompleta, insuficiente para o homem no mundo e para o homem com o homem.

As disposições para o bem, para escolhas morais, não estão prontas no sujeito, portanto cabe a outros desenvolvê-las. Borges (2017), afirma que a excelência no desempenho técnico e as virtudes éticas não devem ser separadas, devem estar juntas na ação social; para que a formação humana se dê de tal maneira que seja possível o desenvolvimento de todas as potencialidades inerentes a ele, é necessário entender os seres humanos, agentes das ações sociais como

constituídos biologicamente também. Não é possível estudar ética independentemente, de maneira dissociada da biologia, da constituição originária do homem, impossível é estudar a formação humana virtuosa sem compreender ou levar em conta o seu primordial.

Somos tanto indivíduos racionais como dotados de corpos físicos. Para o naturalismo ético realista há uma teleologia inerente à prática de cada espécie, estas práticas podem ser positivas, cujo objetivo é “[...] proporcionar o desenvolvimento ou amadurecimento das virtudes e de excelência de desempenho da pessoa” ou práticas sociais negativas que são “formatadas no sentido de “alienar” ou “anular” no sujeito o desenvolvimento de suas potencialidades de desempenho e ou éticas” (BORGES, 2017, p.270).

Ao homem compreendido como biológico e natural, tem-se um ser mais complexo que qualquer outro, pois este pode refletir sobre sua condição graças à sua capacidade racional, a ele não há sentenças, a sua condição natural não lhe basta, pois possui condições em potencial e exclusivamente humanas:

O humano cria valores, fixa normas, dá significado ao mundo através da cultura e da linguagem. Haveria assim no humano uma segunda natureza, a “natureza cultural” que se manifesta pelos logos. À diferença dos demais animais, nossos valores, nossas, nossa norma de conduta, nossas razões para agir, são fruto da cultura, das relações sociais intersubjetivas e em última instância a racionalidade reflexiva – nossa espécie justifica racionalmente suas ações (BORGES, 2017, p. 271).

É sobre esta condição tão particular que podem se organizar as virtudes através das práticas sociais. Há, no humano, a capacidade de refletir sobre sua própria condição, de (re) definir a sua forma de vida e a si mesmo pela razão.

Diante disso, questiona-se, entre outras coisas, o que o sujeito precisa para, com excelência, viver esta racionalidade, ser virtuoso, alguém que sabe o que faz, que decide por conduta reta, um homem que tem disposição voluntária para o bem e que visa a perfeição no uso de sua razão?

O que na formação do sujeito, asseguraria desejos bem ordenados, isto é, organizados em função do que é bom, diferentemente da pessoa com vontade fraca (*akasia*), de sujeitos incapazes de controlar seus desejos e que vive em excessos ou em deficiências?

O que é então necessário para que se desenvolva esta segunda natureza, este equilíbrio entre os extremos, virtudes como a coragem, perseverança, compaixão, o amor e a amizade, enfim a ética?

Marques (2017, p. 4) fala sobre a importância de três componentes essenciais do discurso ético, são eles, o conhecimento, a emoção e a ação, para que seja possível alcançar a excelência, a virtude.

A formação virtuosa, acontece predominantemente pelo exemplo, muito além da teoria, é pela ação, na vida prática e seu grande desafio o hábito. Há no processo de formação humana uma responsabilidade com a qual não cabem técnicas, não há conhecimento ou aprendizagem técnico-metodológico,

[...] podemos dizer que alguém aprendeu alguma coisa, não quando for capaz de copiar e reproduzir o que há existente, mas quando alguém responde ao que não é familiar, ao que é diferente, ao que desafia, irrita ou até perturba. Então a aprendizagem se torna uma criação ou a invenção, um processo de introduzir algo novo ao mundo (BIESTA, 2013, p.97).

Embora historicamente a razão das escolas existirem consiste na reprodução do que há, sua maior importância é a possibilidade de autonomia, do existir reflexivo, da ação responsável e do bom uso da razão.

3. CAPÍTULO III: É POSSÍVEL A FORMAÇÃO VIRTUOSA NA ESCOLA HOJE?

O último capítulo deste trabalho trará reflexões sobre a escola contemporânea, uma instituição com características do tempo e cultura em que esta inserida. A discussão apresentada, buscará problematizar a questão que traz como título e tem a ousada intenção de oferecer contribuições aos educadores que a ela tiverem acesso. A escola é vida e é temporal, é espaço em formação como é o próprio ser humano; cabe a ela reflexões sobre sua identidade, para que através do pleno uso da razão, tenha clara as suas potencialidades e assim enxergue, se necessário for, outros modos, diferentes de ações.

3.1 A ESCOLA EM CRISE (?)

O que se percebe ao estudar a escola, e ao observar sua rotina, é que termos como ética, cidadania, sujeito social, e frases relacionadas aos mesmos, estão beirando o senso comum. São excessivamente usados nos discursos e nos documentos, podem estar levando ao enfraquecimento do bom entendimento a respeito do que é Educação Ética e o que é a formação.

A ação educativa é um processo regular desenvolvido em todas as sociedades humanas que tem por objetivo preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimento e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realizarem (OLIVEIRA, 2011, p. 235).

Caso termos como ética ou formação humana e cidadã estejam apenas preenchendo os documentos e os projetos sejam pensados com o objetivo primeiro do evidenciar um trabalho exigido pelo sistema educacional, e não o da formação humana efetivamente, então há uma completa deturpação em seu uso.

Discussões sobre ética estão em inúmeros lugares, entretanto, atitudes éticas não tem acompanhado esta frequência, inclusive na escola contemporânea; há presença de uma fala que não tem conseguido expressão satisfatória na ação

educacional efetiva. Vivemos na escola as dificuldades de uma sociedade em meio ao consumismo, sintomas de um tempo tecnocêntrico.

de um tempo que submete seus valores éticos aos ditames de valores pertinentes à esfera tecnocientífica na constituição das relações humanas e sociais. Um tempo que esqueceu que a ética se constitui por meio de uma outra lógica, a partir de outra concepção de temporalidade, com valores e finalidades diferentes da tecnociência. (SANTOS, 2012, p.15)

O fim da educação escolar hoje, da ação educativa, a preparação dos indivíduos para a humanidade, só pode ser compreendido na vida social. Mas o que significa tudo isso afinal? O desenvolvimento de competências e habilidades para o mercado, o acesso inteligente às tecnologias, as heranças históricas e culturais, a arte e a política? Enfim, o que é ser virtuoso hoje? O que é ser um homem cuja função se exerce com excelência? E mais, haverá na escola possibilidades para formar este homem?

A educação do homem, tradicionalmente, é de responsabilidades dos pais e dos outros adultos da família; da comunidade; da religião e por fim das instituições sociais e do Estado, seus órgãos e departamentos ou secretarias.

Ora, o que ocorre nos últimos tempos? Assiste-se a uma desintegração dessas unidades educativas. As famílias têm perdido sua hegemonia educativa à medida que desestruturam as relações tradicionais entre seus membros. E não estamos a nos referir apenas às famílias das classes pobres, mas de todas as chamadas unidades familiares. Os pais estão cada vez mais ausentes afetivamente da vida dos filhos, desde os primeiros dias de suas vidas. Igualmente a igreja deixou de representar uma instituição unitária e hegemônica, capaz de dar direção moral às novas gerações. E as comunidades desapareceram nas formas novas de organização da vida coletiva nos tempos modernos. Cada vez mais as pessoas vivem fisicamente próximas, sem qualquer unidade de projetos sociais, de princípios éticos, de trabalho, de dever, de relações. As cidades, por sua vez, se transformaram em simples aglomerados populacionais e não são formas de organização humanitária da vida coletiva.

Como consequência, há enormes perdas de meios educativos na vida contemporânea. A única instituição que ainda mantém uma presença universal é a

instituição escolar, para a qual se dirigem e são dirigidas todas as novas gerações, desde muito pequenas (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2001, p. 253).

3.2 A ESCOLA E SEU (SEUS) PAPEL (PAPEIS)

Acredita-se no potencial da escola em exercer um papel cada vez mais complexo, o de ser instituição formadora dos seres humanos; muito além da Educação Escolar, em que a missão, o papel fundamental, seria o desenvolvimento das competências e das habilidades, enfim do domínio do conhecimento. À escola caberá um papel de formação do sujeito ético. Isso pode parecer amedrontador por todos os desafios da escola no Brasil hoje, reconhecidos pelo senso comum, mas a escola está diante de um ambicioso e eminente propósito: a formação integral do ser humano, em alguns casos, como seu principal agente, já que recebe crianças cada vez menores, demandando os cuidados mais básicos, essenciais à vida, e com permanência na escola por tempo cada vez mais extenso.

Boto (2001) questiona se temos hoje o pressuposto da modernidade, a ideia de que as novas gerações são tanto inocentes como corruptíveis, se ainda estamos preservando nossa infância de um universo que deveria ser apenas adulto, logo, de situações que as crianças ainda não estão preparadas ou estão sendo expostas as roupas, ambientes e mídias adultas, e mais,

Será que ao educar enfatizamos suficientemente o tema do respeito ao outro; ou apenas sublinhamos a ordem de silêncio perante a voz do adulto? Será que ouvimos os porquês de nossas crianças? Será que nos damos ao trabalho de estarmos suficientemente atentos para ficarmos zangados na hora certa, com a pessoa certa, na proporção adequada como recomendava Aristóteles? (BOTO, 2001, p.132).

Questões da contemporaneidade trazem dificuldades aos propósitos de formação humana que a escola deve assumir. Vivemos uma sociedade de consumo exagerado, em que tanto os adultos quanto as crianças desejam aparentar adolescência, há dificuldades em se estabelecer papéis claros, estão confusas as figuras do adulto e do infante.

Frequentemente é possível perceber e até pessoalmente viver a voz de autoridade de uma criança bem pequena dirigida a um adulto, que deveria ser seu educador, uma criança que ainda está à mercê dos seus caprichos imaturos, ainda

tão direcionados por suas disposições naturais, por suas paixões, se vê sem qualquer coerção, decide por si o que comer, o que vestir, aonde ir, o que comprar, quando e onde dormir, enfim, não há qualquer resistência às suas pulsões.

A função de formação traz para a escola um novo desafio, uma nova discussão, a saber, o que é ou não possível a escola quando recebe um aluno que até então pouco exercitou o hábito da virtude ou poucos cuidados adequados recebeu, nestes casos, quais as possibilidades da escola contribuir para a formação virtuosa, para a educação ética e escolhas políticas e racionalmente adequadas?

Sem resistência, sem disciplina, sem o limite do gozo das paixões não há formação virtuosa. Há necessidade da contenção externa das forças passionais para que chegue o momento em que, através do bom uso da racionalidade, o homem possa agir com equilíbrio e a disposição e a liberdade para isso vêm pela disciplina. A crítica aqui não é pela ausência de instrução pela instrução, mas o pesar está sobre a falta grave do mestre, do educador que conduz para a virtude para o saber, não com arbitrariedade, mas com segurança, com gestos de afeição que trazem conforto e segurança, de um educador que apresente a seu discípulo a humanidade, para a ética.

Este mestre, já alcançou o pleno uso de sua racionalidade, usa com equilíbrio suas paixões e por isso vive adequada e respeitosamente com o outro diferente, com o estranho, dá crédito à juventude, vive a ética pública, o compromisso, a alegria de crer em um futuro cada vez melhor, já que as gerações vão seguindo caminho cada vez mais excelente rumo ao permanente progresso e a educação tem grande importância nisso.

É preciso, para continuarmos, e porque desejamos continuar com excelência, crer nos pensamentos entusiasmados de Kant, nos deixando contagiar pela ideia, “absolutamente verdadeira” de que “a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aperfeiçoada pela educação, e que é possível dar aquela forma a qual em verdade, convêm a humanidade. Isso abre a perspectiva de uma futura felicidade da espécie humana (KANT, 2006, p.17).

3.3A PRESENÇA DA DIVERSIDADE

Cientes de nossas paixões, cientes de que trabalhamos e vivemos com os excessos também, não se deve esperar um paraíso de virtudes. Seria utópico, uma quimera e ou altamente frustrante. Mas, para continuar avançando é necessário ciência, pesquisa e clareza sobre o caminho percorrido, sobre a escola que hoje, muito mais do que antes, recebe o diferente, a diversidade, promove encontros com o outro, oferece tempo e espaço de aprendizado, de relações humanas.

Hoje, melhor do que antes, nossas crianças e jovens são ouvidos, há resistências e despreparos profissionais é verdade, mas sem dúvida há mais espaço e oportunidades para o diálogo. Alunos fazem parte da gestão da escola e das decisões e em algum nível podem participar das escolhas, isso, ainda, em algumas instituições muito mais presentes nos documentos, planos e projetos do que na vida social, mas há um movimento positivo acontecendo e este não deve ser ignorado.

São muitas as situações arbitrárias, de excessos ou ausências por parte do educador, do formador; mas hoje também, são muitas as situações de justo meio em que, mesmo envolvidos pelo esgotamento e cansaço, resultados do sistema de trabalho que é vítima o educador, o professor, se percebe uma mediana, o exemplo e o ensino da virtude, a construção do homem ético na vida social.

Este projeto, o da educação, não pode ser realizado em curto prazo, porque exige do homem o próprio homem, exige sua história, experiências, pois a educação só pode acontecer enquanto espécie, num processo de envolvimento comunitário, social:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie ao seu destino. (KANT, 2006, p.19)

Fonteneli (2010, p. 50) se refere às problemáticas sociais morais da sociedade contemporânea e afirma que:

[...] a sociedade ordenada simplesmente desapareceu e a cultura atual é marcada pela teoria emotivista, onde existe um eu emotivista

caracterizado pela falta de critérios racionais de avaliação e julgamento, um eu que age por meio das emoções e desejos, um eu que pode adotar diversas posturas ou papéis sociais e criticá-los quando achar necessário, simplesmente por não pertencer a nenhuma postura, um eu que possui seu conjunto de atitudes e preferências procurando realizá-las da maneira que lhe for melhor, enfim, um eu sem identidade.

Hoje, em uma sociedade que vive uma desordem moral, sem valores que poderiam dirigir a ação humana, o homem tem agido segundo as suas vantagens, conforme lhe convém, sem a mediação da razão.

Talvez a escola não seja capaz de fazer com que o homem alcance plenamente a finalidade de sua existência, não seja capaz de formar o homem virtuoso, não só ela, senão todos os que passam por ela. Ou ao menos no tempo em que permanecem nela, pois o homem, em sua formação tão complexa e tão grandiosa, com suas multiplicidades, não “cabe” em tempo e espaço tão definidos assim; não há como responsabilizar a escola sozinha, única, pelo alcance deste resultado, deste propósito, que é formar o homem virtuoso.

Sem dúvidas, são muitas as experiências na escola hoje que auxiliam na formação do homem em sua excelência, que trabalham para uma sociedade cosmopolita, para o bem comum.

A contínua reflexão sobre a escola é essencial para o contínuo avançar, para a busca da excelência nos trabalhos. É importante para o avanço da educação, que ela continue sendo estudada, planejada e não apenas vivida mecanicamente, mas que seja raciocinada para que, conforme Kant (2006, p. 22), possa ser um esforço coerente, sem que haja o risco de destruímos tudo o que já foi edificado. Não é suficiente aprender as práticas e repeti-las, mas é preciso continuar pensando sobre elas.

Becker (2017, p. 13) diz que todos devem:

Sobretudo, cuidar do desenvolvimento da humanidade em geral para que ela se torne mais hábil e principalmente mais moral, isto é, empenhar-se em conduzir a posteridade a um grau mais elevado de humanidade do que o seu próprio [...]. O caminho apontado por Kant para tal finalidade é a educação e esta não é apenas responsabilidade dos pedagogos e educadores profissionais ou do homem com espécie, mas de cada um individualmente.

Um desafio, visto que a formação virtuosa é sacrificial. A formação de bons hábitos exige insistência, envolve firmeza, repetições, convencimento e a convicção, especialmente pelo exemplo vivido, pela vida prática.

Um desafio, entre tantos outros, está no fato de vivermos um tempo de hedonismo, de prazeres imediatos, em que não há mais disposição para sacrifícios e a formação ética, muito frequentemente, leva a algum nível de incômodo, o ato reflexivo do pensar sobre si nem sempre é absolutamente agradável.

A ética, a educação, a formação, os desejos, as paixões, o comportamento, são questões que parecem nunca se fecharem. Levam a conflitos e reflexões pessoais ou interpessoais, nos movem e é impossível calar a humanidade diante delas. Estamos ainda na busca por respostas, verdades, ainda buscando melhores resultados, metodologias e práticas, ou mesmo viver com excelência aquilo que sabemos.

Somente através da educação o homem pode chegar ao esclarecimento – termo usado por Kant para se referir a um momento em que o homem abdica dos conhecimentos que recebeu de outros e tem condições de buscar de maneira autônoma, um processo difícil, que fique claro, a formação é lenta e penosa, “[...] a educação é o maior e mais árduo problema que pode ser proposto ao homem” (KANT, 2006, p. 22). Para que o aluno use sua própria inteligência é necessário encerrar com arbitrariedade, é necessária a emancipação do mestre.

A margem de atuação da educação tem suas limitações. A formação é um processo da vida toda e de muitos agentes. Neste processo é possível que o aluno viva momentos viciosos e cabe à escola entender este processo de construção de caráter e recebê-lo; é importante que a escola compreenda o caminho que a razão faz até que alcance a mediana das paixões; cabe a escola não desistir, não rotular, auxiliar para que ações cada vez mais virtuosas sejam possíveis em próximas experiências. Em um exercício constante para a vida toda, uma saudável e moderada interação entre razão e paixão, para o viver bem.

A transformação do homem em um sujeito de fato racional, o fato de capacitá-lo para ação moral, é o fim último que a educação deve buscar. A escola deve ser espaço para que o aluno possa

Desenvolver a capacidade de avaliar, modificar ou excluir seus próprios juízos práticos e perguntar a si mesmo se as razões para

agir são realmente boas razões; desenvolver a capacidade de imaginar futuros alternativos possíveis, de modo que possa escolher racionalmente entre eles e, adquirir a capacidade de distanciar-se dos seus desejos para perguntar-se racionalmente sobre o que é necessário para buscar o bem e assim ou orientar ou reeducar seus desejos para alcançar o bem (GONÇALVES, 2012, p.88)

3.4 ALEM DOS MÉTODOS E FABRICAÇÃO

É complexa essa formação. Não se trata de fabricação, não depende só do educador ou da escola, mas, é a escola um importante responsável pela educação moral. Marques (2006) lembra que, na formação do caráter moral, da virtude, é essencial a metodologia que gire em torno de estratégias como a exortação, o exemplo e o envolvimento. E que o professor deve considerar o uso do próprio conteúdo para desenvolver o raciocínio moral; o estímulo à cooperação; o desenvolvimento de responsabilidades; a superação do conflito sem violência e a promoção da ética do cuidar. Não é aconselhável que os valores éticos estejam em uma disciplina específica, que haja apenas um professor ensinando ética, mas que este aprendizado percorra todo o currículo, de maneira transversal. A ética é questão de toda a vida e está presente em todos os espaços, não é possível isolá-la.

O ambiente da escola é determinante para o desenvolvimento moral do aluno e um dos principais instrumentos é o código de conduta escolar. São as autoridades escolares e os professores os responsáveis pela elaboração, operação e implementação do código de conduta, o qual torna uma opção clara pelo esforço da autoridade do professor, reconhece a importância da linguagem moral e do hábito no processo de desenvolvimento moral. Lickona (1991) considera que existem três componentes no bom caráter: o conhecimento moral, o sentimento moral e a ação moral. O conhecimento exige reflexão, compreensão, formação de juízo moral e processo de escolha. O sentimento exige auto estima, empatia, afecto e saber colocar-se no lugar do outro. A ação exige vontade e hábito, são assim estas as dimensões fundamentais de qualquer programa de desenvolvimento moral preocupado, não apenas com o desenvolvimento do raciocínio, mas, sobretudo com o desenvolvimento do caráter ou da ação moral (MARQUES, 2006, p. 7-8).

Boto (2001) também se refere a uma postura do educador e de uma metodologia em que haja igualdade de oportunidades na manifestação de talentos e na qual as identidades sejam possíveis pela solidariedade e fraternidade presentes,

o que requer uma ética pública, atenta a tudo aquilo que não der lugar ao diferente e que promova lugares onde todos caibam, espaços públicos para identidades, em quase possa “conferir unidade a própria vida, recolher o passado e projetá-lo adiante, fixar valores, marcar continuidades e transições” (BOTO, 2001, p.142).

É em situações que a virtude está presente, promovidas por homens virtuosos, que se formam sujeitos virtuosos, nas quais tanto o coletivo (a comunidade) quanto o pessoal (a individualidade), simultaneamente, vivem a autonomia e a subordinação uns com os outros:

Ser livre assim, não pode prescindir da demarcação da singularidade, mas não pode, pelo oposto, prescindir do reconhecimento da máxima do bem comum como objetivo maior da ação em sociedade. Somente pelo justo meio, talvez pela mediana aristotélica, a condição humana se inscreva plenamente no sujeito. (BOTO, 2001, p. 142)

Educar requer clareza dos direitos do outro e a importância dos deveres. Há necessidade de mestres bem formados, o trabalho do educador exige a formação virtuosa, ética, exige um cidadão virtuoso. A formação ética necessita de ações éticas do professor, de professores bem formados. Sem dúvida que para isso políticas públicas que viabilizem a formação continuada dos professores são essenciais assim como olhar sobre o currículo dos cursos de licenciatura.

[...] ao longo de nossas vidas somos atravessados e experimentamos modos de existir que não se reduzem ou não podem ser compreendidos em uma única configuração, pois somos seres em constante configuração e movimento. A condição humana, isto é, as características que nos distinguem dos outros seres vivos podem ser vistas como marcadas por atividades, ideias, anseios e gestos que se modificam, se contradizem, se unificam e são ultrapassados, o que sugere nosso caráter finito, incompleto e sempre aberto”. (CARVALHO, 2016, p. 209)

Logo, práticas pedagógicas como respeito, liberdade e possibilidades de diálogos são o que contribuem com a formação virtuosa da humanidade; uma escola que tenha em suas ações mais do que o ensino instrumentalizado, mas que nelas caibam formação, valores, resolução de conflitos humanos e a cultura; é esta escola que pode viver a experiência de observar (trans) formações em seus alunos e por

que não em seus educadores, nas famílias, na comunidade e em seu entorno, pois o vivido na escola vai para além dela, atinge o mundo.

Reduzir o humano ao conhecimento curricular e desconsiderar a formação e tudo o que diferencia de outros animais, como a sua cultura, reflexões, a sua razão e seus pensamentos sobre o mundo em que pertence é restringir suas possibilidades de contribuir com a humanidade.

O ambiente escolar é o espaço no qual devem ocorrer olhares e ações ao que é próprio do humano a fim de auxiliar na formação virtuosa, para que características éticas e cognitivas se desenvolvam num processo de constante amadurecimento, é necessária uma tarefa contínua em vários momentos e circunstâncias, envolvendo pessoas com interesse específico nessa ampliação da formação do indivíduo. O local propício para essa formação e o tempo, assim como as pessoas com formação adequada e específica deve ser aproveitado com empenho e perseverança para que haja um melhor proveito dos envolvidos a ampliação da formação.

É necessário que nas práticas da escola o exercício do poder seja substituído por virtudes como a justiça e a temperança: “O homem deve ser educado e formado para ser, antes de tudo e, sobretudo, um cidadão e que a política é a verdadeira e suprema *paideia*, definidora da *areté*, da virtude, da excelência moral e intelectual.” (CARVALHO, 2016, p.214).

O meio através do qual é possível formar sujeitos virtuosos é o agir virtuoso, a ação ética. É exercendo a docência com ética, com atitudes em que há virtude que se educa a humanidade para o bem comum, para decisões equilibradas. O autor propõe como exigência para ética na educação a:

[...] ruptura ou no mínimo uma problematização com as concepções e as práticas pedagógicas dominantes, apoiadas numa educação tecnocientífica e num desejo de formação humanista, que de tão universal e otimista, transforma-se numa ilusão (CARVALHO, 2016, p. 216).

A escola tem comumente trabalhado a ética com objetivos moralizantes, ainda muito relacionados à disciplina e controle, com isso, algumas delas ainda instrumentalistas, sem contato com paixões, sem reflexões sobre os excessos, ainda se busca a repressão e o pouco ouvir das experiências, e expressões dos desejos.

O interesse dos educadores em ouvir os alunos é essencial à formação das virtudes e a escola deve oferecer espaço para que o aluno possa falar sobre suas

experiências, conflitos e desejos sem se sentir punido ou culpado, mas com reflexões, com promoção do autoconhecimento e do bom uso da razão.

É certo que o ouvir envolve grandes habilidades do educador, formação profissional e humana; o saber ouvir necessita de autoconhecimento, exige prévia reflexão sobre as próprias paixões, de maneira que o lugar de escuta não seja de determinação de regras ou atitudes impostas.

O genuíno espaço de fala pode tocar a formação daquele que ouve também, pode (re) formá-lo, (trans) formá-lo, mesmo entendendo que esta situação de incerteza, de insegurança, pode levá-lo a resistências, e levar a escola a posturas que evitem essas relações afetivas.

A proposta é esta, contribuir, através de mais um trabalho para que a escola continue revendo seus caminhos, refletindo sobre suas práticas e que teorias já conhecidas possam modificar ações há tempos repetidas; a formação pode ser um trabalho longo e incômodo.

A escola não é o único, mas um importante lugar para se aprender ética, para que aconteça a formação e transformação virtuosa da humanidade, para que em contato com os excessos caminhemos (alunos e educadores) para a prudência, a justiça, a amizade, a compreensão, a tolerância, o amor ao próximo.

Este trabalho não pretende apresentar métodos para o ensino da formação do sujeito virtuoso na escola. O termo Método sugere assertividade, precisão e agilidade para alcançar resultados, e a formação ética não cabe em prazos determinados, o resultado do processo de formação do homem ético pode aparecer em um tempo além da escola, posterior a ela logo, sem condições de registro.

Não se trata da definição de métodos a serem executados por educadores, mas, do pensar sobre a formação na escola, sobre que aspectos da formação do homem podem acontecer no ambiente escolar e em meio às relações que se estabelecem ali.

A fundamental busca da escola, isto é, a contribuição à formação virtuosa que vai muito além do conhecimento acadêmico, é um grande exemplo de ética. Sua finalidade e a felicidade que envolve sua ação não apresentam, em grande parte das vezes, benefícios materiais, mas a satisfação, esta própria ação, está em si mesma, está em viver a virtude.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

O contato diário com educadores nos trouxe a possibilidade de questioná-los sobre a formação virtuosa na escola. No dia 02 de outubro de 2017 questionários foram aplicados a 24 professores do Ensino Médio e Técnico da ETEC “Dr Luiz Cezar Couto” na cidade de Quatá /SP, sendo que o tempo de docência desse grupo de professores varia de 4 meses a 32 anos, com a idade de 24 a 56 anos, sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino; mais de 95% destes trabalham em outras instituições escolares ou indústria e comércio perfazendo mais de 50 horas de trabalho.

A amostra foi dividida em três grupos para se verificar se havia variação nas respostas por conta do tempo variável de docência, o que em sua finalização não foi constatado. De qualquer maneira dos 24 professores, 11 tinham até 10 anos de docência, 6 entre 11 e 20 anos de docência e 7 entre 21 e 32 anos de docência.

Quando questionados se a escola pode contribuir para a formação virtuosa, 22 professores afirmam que sim; um professor (52 anos de idade, 32 de magistério, do sexo feminino), afirma que “em parte”, justificando que “a escola é responsável por oferecer conhecimentos curriculares e a família por educar, quando há falhas na educação básica é possível que a escola contribua para a formação virtuosa de sua clientela, mas com limitações”. Outro professor (27 anos, 5 anos de magistério, sexo masculino), afirma em sua justificativa que não, “a pessoa virtuosa, geralmente se destaca em algo que ela gosta, e muitas vezes não está ligada a escola, como ser músico por exemplo”.

Quando questionados se há dificuldades para a formação virtuosa na escola, 20 professores afirmam que sim e relacionam a famílias desestruturadas, o pouco interesse do aluno e as leis e normas que limitam o trabalho do professor. Dos demais, dois atribuem as dificuldades para a formação virtuosa na escola a formação qualificada em áreas adequadas.

Todos os professores afirmam que contribuem com a formação virtuosa em suas práticas, estimulando discussões, orientando sobre o respeito e valores humanos e através do seu exemplo.

Quando questionados sobre como definiriam uma pessoa virtuosa, percebemos dificuldades, alguns verbalizaram que precisariam de tempo para pensar, outros usaram aparelhos celulares para pesquisar o conceito de virtude ou

consultaram colegas; o que se justifica pelo fato de ser um conceito pouco usual, familiar a filosofia clássica, de maneira geral responderam que a pessoa virtuosa é aquela que faz o bem, que respeita, que tem valores éticos e de competências, seguem alguns exemplos literais das afirmações (a pesquisa em sua íntegra encontra-se na tabela 1):

- “Uma pessoa de bom caráter, participativa com o próximo e a sociedade” (Professor formado em Química, do sexo masculino com 24 anos de idade e 4 meses de docência);
- “São os que sempre colocam os valores nas atitudes diárias, tornando-se assim sempre melhores” (Professora formada em Agronomia, do sexo feminino, com 23 anos de idade e 2 de docência);
- “Uma pessoa que tem como um todo um complexo de valores e competências” (Professor formado em Agronomia, do sexo masculino, 25 anos de idade e 1 de docência);
- “Alguém que pauta sua vida nos valores humanos (respeito, honestidade, ética) que preza pela sua saúde e bem-estar assim como tem cuidado com o outro. Conduz a vida com empatia” (Professor formada em Letras, do sexo feminino, 39 anos de idade e 20 de docência);
- “Pessoa que possui valores, qualidades herdadas de família e que prevalecem para o resto da vida” (Professora formada em Economia e Pedagogia, sexo feminino, com 56 anos de idade e 19 de docência);
- “A pessoa virtuosa é aquela que pratica o bem, que tem hábitos constantes de paciência, coragem, integridade, ética” (Professora formada em Estudos Sociais, do sexo feminino, com 44 anos de idade e 24 de docência) e
- “Indivíduo ético, de bons hábitos e costumes, que exerce seu papel de cidadão, influenciando de forma positiva aqueles que o cercam” (Professor formado em Letras, do sexo feminino, com 52 anos e 32 de docência).

A pesquisa apresenta aspectos positivos quando a maioria dos professores, 22 dos 24 questionados, afirmam que a escola pode sim contribuir com a formação virtuosa de seus alunos, entretanto, um deles, além de responder que não, a escola não pode contribuir com a formação, apresenta a música como exemplo e a coloca como uma competência que não tem ligação com a escola; podemos com isso, considerar que ainda há uma representação da escola puramente conteudista e que não percebe a arte como parte.

A maioria dos docentes afirmam encontrar dificuldades na formação ética dos alunos, apenas 2 as relacionam a formação dos professores, os demais atribuem apenas a questões externas como cultura, famílias e leis; com isso entende-se que são necessárias experiências de formação que levem os profissionais da educação a reflexão sobre a complexidade da ação educativa e a inevitabilidade do mestre virtuoso para formação virtuosa; a escola precisa de experiências que sensibilizem seus atores, como o presente questionário que levou a conversas informais nos corredores e provocou pensamentos sobre o assunto tratado neste trabalho, com isso há possibilidades de formação e de melhor consciência sobre si e sobre suas práticas e seus comportamentos, o que pode gerar escolhas mais adequadas na vida dentro da escola.

Foi possível perceber que, embora não tenha havido por parte do pesquisador qualquer processo de formação ou discussão sobre o tema antes da aplicação do questionário, este instrumento serviu de provocador para reflexões sobre a formação virtuosa e as possibilidades e limitações da escola como um ambiente que favorece o desenvolvimento da virtude; diálogos informais aconteceram nos corredores e sala dos professores, indicativo de que o instrumento, mais do que o objetivo de coletar dados da realidade dos professores, ofereceu a oportunidade do trabalho contribuir com a formação quando levou a equipe a análise de suas práticas e conduziu reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho foi possível conciliar conceitos da Filosofia Antiga com a educação contemporânea, o que por vezes se mostrou como um desafio. A pesquisa partiu de alguns termos de Kant, Aristóteles e críticos, para apresentar e fazer entender noções de ética e compreender os conceitos de virtude e paixão. Também procurou esclarecer questões sobre a formação do homem e problematizar a escola como parte viva da sociedade; tudo isso para contextualizar as possibilidades da escola como formadora do homem virtuoso.

Os princípios da formação virtuosa e as análises sobre a escola hoje que foram expostos na pesquisa, a despeito de sua incompletude, apresentam a instituição como um ambiente rico e com potenciais condições de auxiliar na formação do homem.

A escola é campo para encontros com o diferente, para exercícios de escolhas e experiências com o coletivo, com a *pólis*; na escola há espaços para diálogos, para o estranhamento e identificações, um espaço público para a formação de identidades; por tudo isso é importante que as paixões sejam vivenciadas e o uso da razão deve ser desenvolvido.

A condição do homem como aquele que deve ser educado é uma condição clara, e é evidente a necessidade do outro para sua formação, para o pleno uso de sua razão e para o exercício da ética. A função do homem é o uso de sua razão, uma condição que o faz diferente de todos os outros seres da natureza.

A partir das considerações apresentadas é possível compreender a escola como instituição que realiza muito além do ensino lógico-matemático e da língua. Conteúdos curriculares e metodologias são atravessados por experiências de aprendizagens que auxiliam o sujeito em sua formação ética. Virtudes são desenvolvidas na escola e há espaço para o humano além do tecnicista, do mercado de trabalho ou dos mais diversos *rankings*.

Uma instituição educacional; seja infantil ou não, pública ou privada; é fundada social e historicamente, traz todas as questões apresentadas em seu tempo, é ordenada em sua relação escola/mundo, é viva e forma ao mesmo tempo em que é formada, num movimento contínuo.

É certo que o conhecimento sobre a formação humana tem contribuições de outros campos de pesquisa, como da medicina, da psicanálise, da neurociência e tantas outras. E diante de tudo o que pode haver, o trabalho se fez pequeno e deixa a cada leitura necessária ao seu desenvolvimento, o desejo de ir além e a sensação de infinitude do tema.

Questões importantes para pensar a virtude, o caráter e a formação, como estados patológicos ou determinantes inconscientes não foram discutidos por conta das limitações e delimitações do trabalho, de qualquer modo, “nós nunca conhecemos a nós mesmos e nunca controlamos totalmente a nós mesmos a partir de uma posição de razão pura e autoconsciente (HOOFT, 2013, p.70).

Cabe aos profissionais da educação a ciência do que é a escola atual, das suas influências, papéis e desafios, de modo que sejam capazes de refletir e decidir sobre seu vir a ser, sobre suas potencialidades. À escola importa saber sobre o cenário em que está inserida, seu entorno e as implicações de seu contexto na formação do homem virtuoso, na vida humana.

Há uma grande responsabilidade na ação educativa e não se pode negligenciá-la. Ao educador não cabe à omissão nem a ignorância sobre a complexidade da escola, do ser humano e de tudo que pode surgir da relação entre estes elementos vivos e ativos.

Uma escola comprometida com a formação tem o cuidado, o compromisso, com a relação humana e as experiências existenciais que nela residem; são singularidades e individualidades, o coletivo e o individual, são as diferenças convivendo e sendo eticamente respeitadas. Para formação do homem virtuoso na escola é importante a presença de educadores que assumam em suas tarefas e em suas ações pedagógicas, um modo virtuoso, oposto ao tirano e ao autoritário, que se apresentem com posturas éticas, como desejo pelo bem, que possuam a fraternidade e que gostem da humanidade; o que exige tanto disposição pessoal como boas condições de formação para esses profissionais que envolvem condições de trabalho, estrutura e recursos mais diversos e políticas públicas que ofereçam-lhes condições de formação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A. Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz em Aristóteles. **Acta Scientiarum**, Maringá. v.36, n. 1, p. 93-104, jan/jun, 2014.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991, v. 2
- BECKER, S. Kant e a formação humana. In: Seminário de pesquisa em educação da região sul ANPEDSUL. **Anais...** Londrina, 2010.
Disponível em: <https://goo.gl/bCJCPm>. Acesso em: 1 de mar. de 2017.
- BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: autêntica, 2013
- BORGES, C. **Os fundamentos ontológicos da ética das virtudes de Alasdair McIntyre**: uma abordagem a partir do conceito de “prática social”. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Filosofia_e_Educacao/Trabalho/11_51_00_KANT_E_A_FORMACAO_HUMANA.PDF>. Acesso em: 1 de abr. de 2017.
- BOTO, C. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. **Educ e Soc.**, v. 22, n.76, p. 121-146. out/2001.
- CALDAS, V. X. A disciplina e a autoridade: princípios da formação do homem para um estado bom, belo e justo. In: Congresso Internacional de Filosofia e Educação **Anais...** Caxias do Sul, 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/1oXj3n>>. Acesso em: 7 fev. 2017.
- CARVALHO, A. B. Desencantamento do mundo e ética na ação pedagógica: reflexões a partir de Max Weber. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 585-59, mai/ago, 2010.
- _____. Razão e paixão: necessidade e contingência na construção da vida ética. **Conjecturas**, v.17, n.1, p. 199-217, jan. /abr. 2012.
- _____. **A relação professor e aluno**: paixão, ética e amizade na sala de aula. Curitiba: Appris. 2016
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- CROCOLLI, D. J. N. Sobre a ética: Aristóteles, Kant e Levinas. **Conjecturas**, v. 16, n.1, 194-197, jan. /abr.,2011.
- FODERÁRIO, V. E.; ZANCANARO, L. A importância da educação prática na formação do caráter moral em Kant. **Revista BIOETHIKOS**. v.4, n.1, p. 38-43, 2010.
- FONTENELE, T. L. R.O conceito de educação na filosofia moral de AlasdairMacintyre. Natal: **SABERES**, v. 1, n.4, jun., 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/622bzS>>. Acesso em: 7 maio 2017.

GELAMO, R.P. Sujeição e resistência: notas sobre o processo de subjetivação no ensino da filosofia na contemporaneidade. In PAGNI, P. A; et al (Org.) **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. Marília: Cultura Acadêmica, 2010

GONÇALVES, I. C. R. H. Virtude e sujeito moral na filosofia moral de Alasdair Macintyre. **Cadernos do PET Filosofia**. v. 3, n. 5, jan., p.82-90 dez, 2012.

HOBBUS, J. **Eudaimonia e autossuficiência em Aristóteles**. Pelotas: UFPel, 2009.

HOOFT, S. V. **Ética da virtude**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Francisco CockFontanella. Piracicaba,SP:Ed. Unimep, 2006.

JUNIOR, J. P; RODRIGUES, M. L. F. Princípios orientadores da formação humana: dimensão normativa da educação. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 5, p. 95-103, jan/abr., 2010.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: NOVAES, A. (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 17-34.

MACINTYRE, A. **Depois da virtude**: um estudo em teoria moral. Bauru: EDUSC, 2001.

MARQUES, R. Ética da virtude e desenvolvimento moral do aluno. In: **Simpósio Internacional sobre Ativação do Desenvolvimento Psicológico**. Portugal, 2006. Disponível em: < <https://goo.gl/f6S4zJ>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

NOVAES, A. (Org.) **Vidavíciovirtude**. São Paulo: Senac São Paulo, Edições Sesc SP, 2009.

OLIVEIRA, R. F, F. Ética do bem e ética do dever. **O que nos faz pensar**. n.28, p. 247-265, dez, 2010.

PAGNI, P. Â. **A filosofia da educação platônica: O desejo de sabedoria e a Paidéia justa**. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/126/3/01d07t01.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

PAGNI, P. A. Um lugar para a experiência e suas linguagens entre os saberes e práticas escolares: pensar a infância e o acontecimento na práxis educativas. In PAGNI, P. A; et al (Org.) **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. Marília: Cultura Acadêmica, 2010.

SANTOS, G. S. **A importância da atenção na relação professor-aluno no contexto tecnocientífico**. Marília. Universidade Estadual Paulista (Pós-Graduação em Educação). Tese, 2012.

ZIGANO, M. **Estudo de ética antiga**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

QUESTIONÁRIO**Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
Programa de Pós-Graduação em Educação
Campus de Marília****Questionário de pesquisa – A FORMAÇÃO VIRTUOSA NA ESCOLA**Informações sobre o docente:

Data do preenchimento: ____/____/____

Sexo: () Masc. () Fem. Idade: _____ Tempo de docência: _____

Formação/graduação: _____

Área de atuação: () Humanas () Exatas () Biológicas () outras _____

Docente de curso: () Técnico () Médio () outros _____

1- Como você definiria uma pessoa virtuosa?

2- Em sua opinião, a escola pode contribuir para a formação de uma pessoa virtuosa?

() Sim () Não

Se sim, como?

Se não, por quê?

3- Em sua prática, como você contribui com a formação do homem virtuoso?

4- Você considera que há dificuldades para a formação virtuosa na escola?

() Sim () Não

Se sim, quais?

TABELA 1						
Professor	Sexo	Tempo de Docência/ Idade	Respostas a questão 1	Respostas a questão 2	Respostas a questão 3	Respostas a questão 4
1	M	4 meses/ 24 anos	Uma pessoa participativa com o próximo e sociedade	Sim. Através com exemplos dentro da própria escala de pessoas que tendem a ter este perfil	Tendo práticas de bom exemplo, não medindo esforços de ajudar o próximo	Sim. Dentro de vários exemplos que temos na escola, pode ser que influencie na formação.
2	M	1 ano/ 25 anos	Uma pessoa que tem como um todo um complexo de valores e competências	Sim. Auxiliando a desenvolver uma boa competência, bem como orientar sobre valores	No desenvolvimento de competências. Assim como orientá-los em determinados valores	Sim. A formação de um ser não se faz apenas na escola, quando a família não ajuda, o trabalho redobra.
3	M	1 ano/ 26 anos	Uma pessoa que opta pelo caminho do bom senso	Sim. Através do ensino da cidadania e formação cultural	Optando pelo bom senso em todas as decisões	Sim. Pela dificuldade de desvinculação do ensino técnico para a aplicação de conceitos de cidadania
4	M	1a 7m/ 32 anos	Pessoa com princípio, moral e ética	Sim. Mais atenção. Muitos alunos não tem uma atenção, um carinho da família e acabam querendo ter uma atenção especialmente na escola	Conversas e atenção diferenciada, reforçando a importância de ter uma boa índole	Sim. O aluno precisa "querer" ser diferente, buscar melhorias pessoais e ter mais foco. O direcionamento do aluno na escola ainda é muito limitado. Poucas escolas conseguem despertar o interesse no aluno.
5	F	2 anos/ 23 anos	São os que sempre colocam os valores nas atitudes diárias, tornando-se assim sempre melhores	Sim, mas não exclusivamente, pois os valores são ensinados geralmente pela família	Não ensinamos apenas conteúdo, mas também valores como a ética e respeito	Sim. Hoje os valores são invertidos principalmente a falta de respeito
6	F	3 anos/ 30 anos	Uma pessoa correta e admirável	Sim. Formando profissionais éticos e preocupados com o meio ambiente	Transmitindo conceitos de ética, cidadania e sustentabilidade	Sim. O "jeitinho brasileiro" esta impregnado na formação sócio-cultural.
7	M	5 anos/ 27 anos	Uma pessoa capaz de relacionar seu trabalho de forma destacada das demais, uma pessoa que se dedica além do necessário	Não. A pessoa virtuosa geralmente se destaca em algo que ela gosta e muitas vezes não está ligada a escola, como ser músico por exemplo	Passando métodos e ferramentas para o aperfeiçoamento do conhecimento do aluno	Sim. Porque o virtuoso é o aluno que precisa de uma atenção especial por conta de sua agilidade de aprendizado. E muitas vezes ele precisa

						acompanhar a turma, retardando seu desempenho.
8	M	6 anos/ 30 anos	Pessoa que possui várias qualidades	Sim. A escola pode ajudar a melhorar suas qualidades dando mais conhecimento	Busco incentivar os alunos a desenvolverem projetos e procurar passar mais conhecimento sobre o assunto	Sim. Para mim a formação básica dos alunos está muito ruim, eles não buscam coisas novas e não se esforçam para melhorar
9	F	7 anos/ 28 anos	Uma pessoa que é correta em relação a moralidade, uma pessoa digna	Sim. Com a questão de respeito pelos professores e funcionário	Ensinando os alunos a respeitar a todos	Sim. As mas companhias de alguns colegas
10	F	7 anos/ 50 anos	Uma pessoa cheia de virtude	Sim. Na formação no desenvolvimento das virtudes, crescimento pessoal e intelectual	Valorizando as virtudes de cada pessoa. Penso e acredito que temos que olhar o ser humano naquilo que ele tem de bom e auxiliá-lo a melhorar naquilo que ele pode melhorar. Elogiar, valorizar, acreditar no potencial de cada individuo	Não
11	M	8 anos/ 40 anos	Pessoa com compreensão humana, com amor ao próximo, ética e equilíbrio	Sim. Atividades em grupo, palestras e atividades sociais, campanhas, etc	Aplicando os conhecimentos das disciplinas através de trabalhos em grupo	Não
12	M	12 anos/ 45 anos	Uma pessoa que se empenha no que põe a realizar em sua área, pessoa que faz além do normal	Sim. Explorando sua capacidade para realizar boas ações nas diversas áreas de seu interesse	Fornecendo condições para que possa desenvolver melhor suas habilidades	Sim. Classe muito heterogênea, com muitos alunos e as vezes não conseguimos dar atenção merecida
13	M	12 anos/ 50 anos	Uma pessoa com potencial/ com desejos específicos/ em certos momentos dificuldades de entender o ponto de vista dos outros	Sim. Os profissionais “professores” sabem direcionar as virtudes para um caminho que poderá trazer um benefício profissional	Tentando entender seus potenciais e filtrando o melhor para valorizar e direcionar seu foco	Sim. Precisamos de profissionais específicos para disseminar estes aos professores
14	F	13 anos/ 34 anos	Alguém que preserva os valores éticos e morais	Sim. Não deixando que estes valores se percam no caminho, com ações pontuais de acordo com as necessidades dos alunos	As pessoas são imediatistas e visuais, por isso é necessários que nós professores sejamos exemplos para nossos alunos	Não
15	F	19 anos/	Pessoas que possuem valores, qualidades	Sim. Cobrando posturas adequadas no ambiente	Quando nos “cobramos” posturas adequadas temos	Não

		56 anos	herdadas de família e que prevalecem o resto da vida	escolar e praticá-las no seu cotidiano.	que ser modelo, se exemplo. Com exemplos reais.	
16	F	20 anos/ 39 anos	Alguém que pauta sua vida nos valores humanos (respeito, honestidade, ética), que preza pela sua saúde e bem-estar assim como tem cuidado com os outros. Conduz a vida com empatia	Sim. Promover reflexões, trazer tais temas relacionados para diferentes disciplinas	Através de “bate papos” a partir de alguns exemplos do dia-a-dia, leituras de textos. Reflexões / análise de algumas citações/ fatos da mídia, etec	Sim. Talvez pela própria dificuldade de muitos em enxergar a importância da discussão de tais temas em sala de aula
17	M	20 anos/ 43 anos	Uma pessoas que tem valores ao longo dos anos	Sim. Na sua formação pessoal e social	Durante as aulas demonstrando que podemos contribuir com os alunos não somente no pedagógico	Não
18	F	24 anos/ 44 anos	A pessoa virtuosa é aquela que pratica o bem, que tem hábitos constantes de paciência, coragem, integridade e ética.	Sim. Acredito que viver em grupo, querer do indivíduo atitudes virtuosas para que seja aceito. Então o incentivo ao trabalho em grupo é uma das estratégias que contribuem para o aperfeiçoamento da pessoa virtuosa	Estimulando discussões sobre ética, determinação, compromisso, pois acredito que assim teremos um melhor funcionamento da sociedade	Sim. A inicial formação da pessoa virtuosa ocorre fora da escola, sendo assim, algumas pessoas não permitem que um trabalho nesse sentido ocorra
19	M	24 anos/ 46 anos	Pessoa virtuosa é aquela que pratica o bem, é corajosa, forte, esforçada, solidária, confiante e temente a Deus.	Sim. Através de palestras, ensinar valores, pois a escola tem a função de formar o cidadão.	Ensinando a respeitar o próprio caráter	Sim. Envolver afetos cognitivos e afetivos para construção da personalidade, a família tem papel fundamental nessa construção
20	F	25 anos/ 49 anos	Uma pessoa com várias qualidades	Sim. Oferecendo conhecimento e direcionamento de uma vida em sociedade saudável	Ensinando a se tornarem indivíduos sociáveis e despertarem uma visão crítica	Sim. Aceitação de que é necessário aprender a adquirir várias qualidades para a vida social adequada
21	F	26 anos/ 49 anos	Entendo que seja uma pessoa que realiza boas práticas e bons exemplos	Sim. Realizando atividades sociais que encorajam os alunos a serem virtuosos	Incentivando e mostrando com exemplos boas atitudes e experiências	Sim. A escola se depara com algumas barreira devido à leis e normas políticas e educativas
22	F	26 anos/ 46 anos	Aquela que respeita o próximo e tem atitudes consideradas normais pela sociedade. Respeito no sentido de não prejudicar o	Sim. Com exemplos de equidade e respeito para com a comunidade	Com exemplos por meio de minha ação e orientação quando necessário	Sim. Às vezes pela necessidade de cumprimento de regras acaba não sendo justo ou deixando de atender alguma

			próximo para tocar sua vida			necessidade que é particular da pessoa
23	M	28 anos/ 53 anos	Pessoa com caráter, que respeita o próximo, responsável.	Sim. Através das oportunidades de relacionamento e compartilhamento de ideias	Tentando transmitir exemplos que contribuam na construção de uma pessoa com caráter e compromissada	Sim. Pois onde existe grupo de pessoas interagindo, sempre existirão aqueles que a sua opinião ou ideia é que deve prevalecer
24	F	32 anos/ 52 anos	Indivíduo ético, de bons hábitos e costumes, que exerce seu papel de cidadão, influenciando de forma positiva, aqueles que o cercam.	Em partes. A escola é responsável por oferecer conhecimentos curriculares e a família por educar, quando há falhas na educação básica é possível que a escola contribua para formação virtuosa de sua clientela, mas com limitações	Tento contribuir promovendo debates sobre práticas cidadãs	Sim. A escola pode contribuir, mas considerando ser a família a base de tudo, a escola encontra dificuldades para atuar e transformar.

